



SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS
MARIA FRANCISCA XAVIER

Maria Henriqueta Costa Campos
Maria Francisca Xavier

SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

Universidade Aberta

1991

Copyright

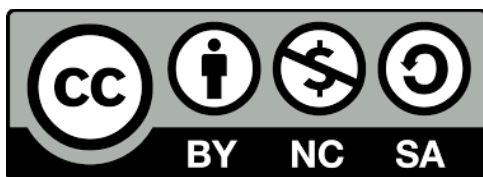


UNIVERSIDADE ABERTA

Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1200 Lisboa

D.L.: 45.193/91

I.S.B.N.: 972-674-072-X



Sintaxe e Semântica do Português

	1. Introdução
13	Objectivos
13	Objectivos gerais
14	Objectivos específicos
	2. Conceitos básicos
17	Tábua de matérias
18	Objectivos
19	Objectivo da Linguística
19	Níveis de representação
21	Definição de objectivos
22	Competência linguística
23	Criatividade linguística
24	Intuição linguística
26	Competência e performance
27	Gramaticalidade e aceitabilidade
29	Criatividade específica da performance
31	O domínio da sintaxe e semântica
32	Frase e enunciado
34	Tópicos de recapitulação geral
34	Referências bibliográficas
	3. A organização de uma gramática
37	Tábua de matérias
38	Objectivos
40	O modelo T
40	A relação entre as componentes da Gramática
49	Tópicos de recapitulação geral
50	Referências bibliográficas
	4. Sobre funções gramaticais
53	Tábua de matérias
54	Objectivos
55	Conceitos tradicionais e definições formais

68	Conceitos formais utilizados
72	A teoria da regência
73	Comando de constituinte
75	A ordem de constituintes
77	A ordem de constituintes transformada
79	Tópicos de recapitulação geral
79	Referências bibliográficas

5. Relações semânticas e papéis temáticos

83	Tábua de matérias
84	Objectivos
85	A grelha temática dos predicados lexicais
90	Papéis temáticos
94	Alguns primitivos semânticos
95	Verbos agentivos e não agentivos
99	A hierarquia temática
102	Verbos psicológicos
103	Tópicos de recapitulação geral
104	Referências bibliográficas

6. A Sintaxe X-Barra

107	Tábua de matérias
108	Objectivos
110	O esquema X-Barra
111	A estrutura dos sintagmas
116	A estrutura do SN
116	O núcleo do SN
122	Complementos e adjuntos
138	A estrutura do SV
138	O núcleo do SV
139	Complementos e adjuntos
147	A estrutura do SC
147	O núcleo do SC
148	O complemento e o especificador
154	Tópicos de recapitulação geral
154	Referências bibliográficas

7. Léxico e sintaxe

159	Tábua de matérias
160	Objectivos
165	Atribuição dos papéis temáticos
166	Argumento externo e argumentos internos
170	O caso estrutural e o caso inerente
172	Os casos estruturais
178	A hipótese inacusativa
186	Os casos inerentes
189	A classificação verbal
191	Algumas entradas lexicais
191	Os verbos
204	Nomes, adjectivos, advérbios e preposições
211	Tópicos de recapitulação geral
211	Referências bibliográficas

8. Estrutura semântica do enunciado

217	Tábua de matérias
218	Objectivos
219	Sentido e referente
219	Sentido e sistema
221	Referência e enunciação
222	O referente do enunciado
223	Sobre a referência
223	Expressões referenciais e expressões predicativas
224	Expressões definidas e expressões indefinidas
225	Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
226	Ambiguidade referencial
227	Expressões definidas
229	Referente e valor referencial
230	Tópicos de recapitulação geral
231	Referências bibliográficas

9. Estrutura semântica do léxico

235	Tábua de matérias
236	Objectivos
237	Antonímia coplementar
240	Antonímia graduável
243	Antonímia conversa
245	Hiponímia
247	Relações parte-todo
250	Tópicos de recapitulação geral
250	Referências bibliográficas

10. Algumas estruturas sintácticas do português

253	Tábua de matérias
254	Objectivos
255	A construção interrogativa
255	A interrogativa total
256	A interrogativa total directa
257	A interrogativa total indirecta
258	A interrogativa parcial
259	A interrogativa parcial directa
261	A interrogativa de complemento directo
266	A interrogativa de sujeito
268	A interrogativa de complemento indirecto
269	A interrogativa de adjunto circunstancial
271	A interrogativa parcial indirecta
274	A construção relativa
276	Distribuição das construções relativas
276	A construção relativa sujeito
278	A construção relativa complemento directo
279	A construção relativa complemento indirecto
280	A construção relativa adjunto circunstancial
282	A estrutura interna das orações relativas
286	A teoria do movimento e a teoria da ligação
290	Tópicos de recapitulação geral
290	Referências bibliográficas

11. Construção de valores referenciais de algumas categorias gramaticais do português

293	Tábua de matérias
294	Objectivos
302	Valores aspectuais-temporais
302	Tempos gramaticais e referência temporal-aspectual
307	Adverbiais de tempo
309	Adverbiais de localização temporal
311	Adverbiais de localização aspectual
312	Natureza aspectual da relação predicativa
314	Eventos
317	Estados e actividades
320	A tipologia de Vendler
322	Relações predicativas e adverbiais de realização
324	Interdependência na construção do valor aspectual
327	Particularidades aspectuais de alguns tempos gramaticais do português
327	Pretérito perfeito simples
331	Pretérito perfeito composto
338	Valores modais
339	Tipos de modalidade
339	Modalidade epistémica
341	Modalidade apreciativa
342	Modalidade intersujeitos
343	A interrogação
343	A interrogação total
345	A interrogação parcial
347	A interrogação retórica
349	O conceito de pré-construído
351	As construções relativas
352	A construção causal marcada por 'já que'
354	Em guisa de introdução
355	Tópicos de recapitulação geral
356	Referências bibliográficas

12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

359	Tábua de matérias
360	Objectivos
361	Referência anafórica
364	Referência actual e referência virtual
365	Anáfora contextual
365	Anáfora pronominal

366	Anáfora nominal
368	Anáfora lexical
371	O especificador do anafórico nominal
373	Correferência e anáfora
374	Alguns tipos diferentes de relação anafórica
377	Referência deíctica
378	Referência deíctica e referência anafórica
379	Tópicos de recapitulação geral
379	Referências bibliográficas
381	Bibliografia geral

6. A sintaxe X-Barra

TÁBUA DE MATÉRIAS

- 6. **A sintaxe X-Barra**
 - Objectivos
 - 6.1 **O esquema X-Barra**
 - 6.2 **A estrutura dos sintagmas**
 - 6.2.1 **A estrutura do SN**
 - 6.2.1.1 **O núcleo do SN**
 - 6.2.1.2 **Complementos e adjuntos**
 - 6.2.2 **A estrutura do SV**
 - 6.2.2.1 **O núcleo do SV**
 - 6.2.2.2 **Complementos e adjuntos**
 - 6.2.3.1 **O núcleo do SC**
 - 6.2.3.2 **O complemento e o especificador**
 - 6.3 **Tópicos de recapitulação geral**
 - Referências bibliográficas**

Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- entender, claramente, os esquemas básicos da Sintaxe X-Barra
- identificar o núcleo dos diferentes tipos de sintagmas
- reconhecer, formalmente, especificadores, complementos e adjuntos
- saber representar, por meio de parênteses e em diagrama em árvore, as várias realizações possíveis dos sintagmas
- distinguir, descritivamente, a estrutura interna de cada um dos sintagmas com núcleos funcionais da estrutura interna dos sintagmas com núcleos temáticos.

Temos vindo a representar as estruturas sintácticas considerando que as categorias têm apenas dois níveis. Realmente, assumimos até aqui que os sintagmas, por exemplo, SN, SV, SA e SP, são as únicas projecções de categorias de nível de palavra, ou núcleos lexicais — N, V, A e P —, porque esta análise corresponde não só ao conhecimento geral dos constituintes imediatos da frase, resultante de uma análise de tipo estrutural, como também às categorias da gramática sintagmática, análises que antecedem a Teoria X-Barra (ou \bar{X} , ou X'), proposta inicialmente por Chomsky (1970)¹.

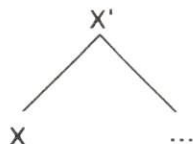
No quadro da Teoria X-Barra considera-se que, no interior dos sintagmas, existe uma categoria intermédia, mais ampla do que o núcleo e menos ampla do que o sintagma, que é uma projecção do núcleo do sintagma. Essa categoria intermédia é a categoria X' (ou \bar{X} , ou X uma barra), que deu o nome à própria teoria.

Vamos admitir que X é uma variável que corresponde a qualquer categoria núcleo de um sintagma e que, teoricamente, qualquer núcleo X^0 (ou X zero) pode ter complementos à sua esquerda ou à sua direita, variando a posição dos complementos de língua para língua, conforme estas fixam a direcionalidade de regência à esquerda ou à direita².

Assim, X' é a categoria que domina o núcleo e os seu(s) complemento(s), encontrando-se este(s), em português, basicamente à direita do núcleo:

(1)(i) $X' = X \dots$

ou (ii)



(em que «...» está pelos eventuais complementos).

No português, em Estrutura-P, e considerando apenas a sequência linear, os elementos à esquerda de X constituem o especificador (Espec) de X e os elementos à direita de X constituem o(s) complemento(s) de X :

(2) $SX = \text{Espec } X \text{ Complemento(s)}$

Tanto o especificador de X como o(s) complemento(s) de X são categorias sintagmáticas (SX). Todas as categorias sintagmáticas têm, em princípio, a mesma composição seja qual for o seu núcleo. É, afinal, o núcleo que determina o sintagma, isto é, **o sintagma é a projecção máxima de um núcleo**.

Assim, verificamos, por exemplo, que:

(3)(i) N é o núcleo de SN

(ii) V é o núcleo de SV

¹ Utilizaremos geralmente a notação X' , significando X-barra, por conveniência de natureza gráfica.

² X e X^0 são anotações equivalentes.

(iii) A é o núcleo de SA

(iv) P é o núcleo de SP

As diferenças que encontramos entre os vários tipos de sintagmas, tanto no interior de uma língua, como de língua para língua, estão relacionadas com o carácter opcional do especificador e do(s) complemento(s) do(s) núcleos. A opcionalidade dos complementos está relacionada com as propriedades gramaticais do núcleo, e a opcionalidade do especificador com aspectos mais gerais, que dizem respeito à sintaxe e à semântica das categorias sintagmáticas.

De facto, no interior de SX apenas o núcleo é, teoricamente, obrigatório, sendo, portanto, opcionais o especificador (SY) e o(s) complemento(s) do núcleo (SZ), como se indica com a utilização dos parênteses em (4)¹:

$$(4) \quad SX = (SY) X (SZ)$$

Como dissemos acima, a opcionalidade do especificador e do(s) complemento(s) tem a ver, por um lado, com outros princípios da gramática, por outro, com as idiossincrasias dos itens lexicais pertencentes às várias categorias. Estes são aspectos que iremos desenvolver nos pontos seguintes.

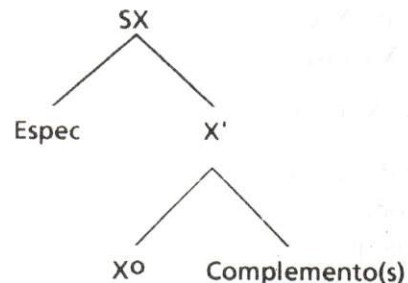
¹ Utilizamos variáveis diferentes de X, neste caso, Y e Z, para que fique claro que se trata de projecções de outros núcleos.

6.1 O esquema X-Barra

No interior de um sintagma existe uma determinada hierarquia dos constituintes que o compõem, sendo o núcleo e o(s) seu(s) complemento(s) categorias irmãs dominadas pela categoria X', a primeira projecção de X⁰; e sendo o especificador de X⁰ e a categoria X', por sua vez, categorias irmãs dominadas pela projecção máxima SX.

Vamos apresentar, diagramaticamente, em (5), a estrutura interna dos sintagmas segundo o esquema da convenção X-Barra:

(5)



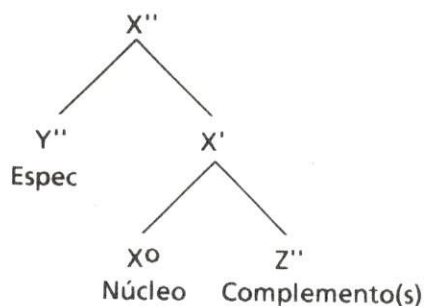
De acordo com a versão mais corrente da Teoria X-Barra considera-se, efectivamente, que as categorias sintácticas têm mais do que dois níveis, e julga-se que têm três². Alguns linguistas têm proposto quatro níveis, e outros

² Ver Chomsky 1970; 1981; 1986 e Radford 1986.

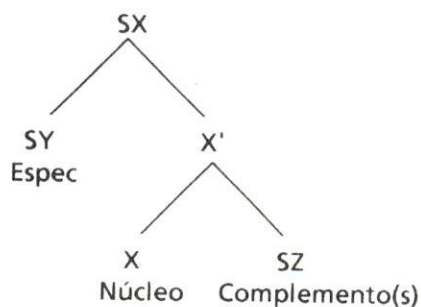
ainda propõem que determinadas categorias têm dois e outras três.¹

Nós iremos assumir que qualquer categoria sintáctica, aqui representada pelas variáveis X, Y e Z, tem três níveis, ou seja, que entre a categoria X^o (ou X zero) e a categoria X'' há um nível intermédio — X' (ou X-barra) — hierarquicamente acima de X^o, e hierarquicamente abaixo de X'' (X duas barras), sendo X'' equivalente ao sintagma, como indicamos em (6)²:

(6)(i)



ou (ii)



Nas nossas representações utilizaremos as categorias de nível zero (7i), que têm os sintagmas correspondentes projectados como X'' (7ii):

(7)(i) Categorias X^o:

N (Nome): Maria, quadro, votação ...

V (Verbo): oferecer, votar, trabalhar, ser, dever ...

A (Adjectivo): inteligente, contente, desejoso ...

P (Preposição): a, de, contra ...

Adv (Advérbio): bem, ontem, terrivelmente, muito ...

D (Determinante): o, uma, este, aquele, que, ...

C (Complementador): que, se

¹ Ver, por exemplo, Jackendoff 1977, relativamente à primeira situação, e Fukui, Speas 1987, relativamente à segunda.

² A estrutura interna de Y'' e Z'' é idêntica à de X''. Utilizaremos umas vezes X'', outras SX, porque estes símbolos são perfeitamente equivalentes.

¹ Ver a Gramática de Mateus et alii sobre os Determinantes e a Flexão Verbal no português.

Flex (Flexão): sufixos com a informação de T (Tempo), M (Modo) e Ac (Acordo)¹

(ii) Categorias X''

SN = N'' (ou N duas barras)

SV = V'' (ou V duas barras)

SA = A'' (ou A duas barras)

SP = P'' (ou P duas barras)

SAdv = Adv'' (ou Adv duas barras)

SD = D'' (ou D duas barras)

SC = C'' (ou C duas barras)

SFlex = Flex'' (ou Flex duas barras)

Conclui-se, então, que a Teoria X-Barra assenta em dois pontos fundamentais:

(8)(i) As categorias sintácticas têm um núcleo (X^0)

(ii) Todo o X^0 tem uma projecção máxima correspondente ($X^{\text{máx}}$)

Na nossa análise $X^{\text{máx}}$ é igual a X'' , que é o sintagma (SX).

Analisaremos a estrutura interna dos sintagmas, à excepção do sintagma determinante (SD)², porque nos interessa, apenas, desenvolver a análise dos principais constituintes da frase. Consideraremos que o Determinante é um Especificador de N', como mostramos na unidade 6, ponto 6.2.1.

² Sobre a análise do SD ver Abney 87.

6.2 A estrutura dos sintagmas

Vamos começar por examinar a estrutura interna dos sintagmas que são projecções máximas das principais categorias sintácticas — N, V, A, P. Estas categorias são descritas na Teoria X-Barra como sendo a combinação de dois traços categoriais positivos e/ou negativos — $[\pm N]$, $[\pm V]$ —, como se mostra em (9)³:

³ Ver Chomsky 1970.

(9) N = $[+N, -V]$

V = $[-N, +V]$

A = $[+N, +V]$

P = $[-N, -V]$

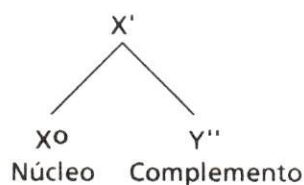
O sistema de traços categoriais procura agrupar em classes naturais as várias categorias que revelam aspectos comuns. Em português, por exemplo, os adjectivos, categorias $[+N, +V]$, têm em comum com os nomes a morfologia

flexional em número e género, semelhança que é captada pela partilha do traço [+N], e têm em comum com os verbos o funcionamento como predicados, partilhando com estes o traço [+V]. Noutras línguas, em Quechua, por exemplo, tais aspectos não se verificam e a oposição entre a categoria adjectivo — [+N, +V] — e as categorias nome — [+N, -V] — e verbo — [-N, +V] — é neutralizada.

Como sabemos, as preposições — [-N, -V], — são também categorias que podem não existir nas línguas e ser substituídas por afixos flexionais de caso, como acontece em Lakhota, por exemplo.

Considera-se que, em princípio, todas as categorias têm complemento(s). E, como dissemos em 6.1., a categoria X' domina o núcleo e os seu(s) complemento(s), que são constituintes irmãos:

(10)



Em (11) exemplificamos as principais categorias X':

(11)(i) Categorias X':

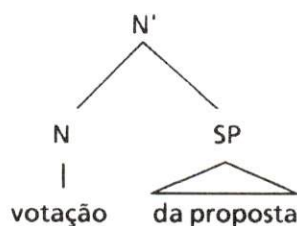
N' = N complemento: [_{N'} votação da proposta]

V' = V complemento: [_{V'} votar a proposta]

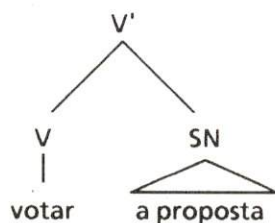
A' = A complemento: [_{A'} desejoso de propostas]

P' = P complemento: [_{P'} contra a proposta]

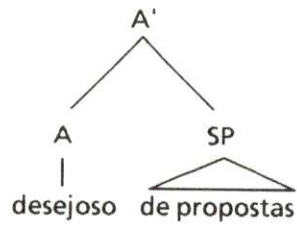
ou (ii) a.



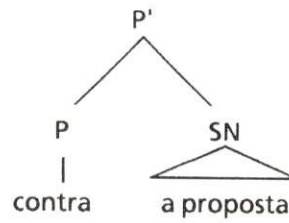
b.



c.

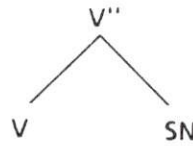


d.

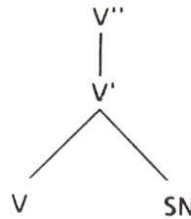


Embora também se considere, em princípio, que todas as categorias têm especificador, nós vamos assumir que o SV não tem especificador e que, no interior do SV, isto é, dominados pelo SV, se encontram o núcleo e os seus complementos, tal como foi considerado na unidade 5 e se exemplifica em (12):

(12)(i)



ou (ii)

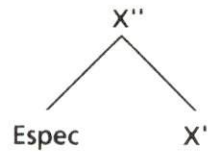


As representações de (12) são perfeitamente equivalentes, porque, uma vez que assumimos que não existe especificador de V', esta categoria é idêntica à projecção máxima. O SV = V' domina V e o seu complemento SN.

Relativamente às restantes categorias — N, A e P — considera-se que têm a posição à esquerda de X' reservada para o especificador de X', sendo o especificador e X' categorias irmãs, dominadas pela projecção máxima:

(13)(i) $X'' = \text{Espec } X'$

ou (ii)



Em (14) exemplificamos, sem desenvolver, a análise dos sintagmas com especificadores — SN, SA e SP:

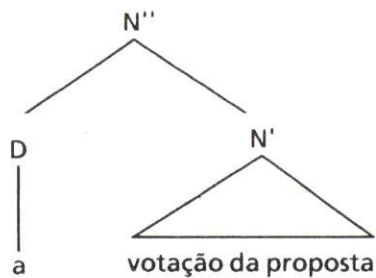
(14)(i) Especificadores de X' :

D = especificador de N' [N'' , a [N' , votação da proposta]]

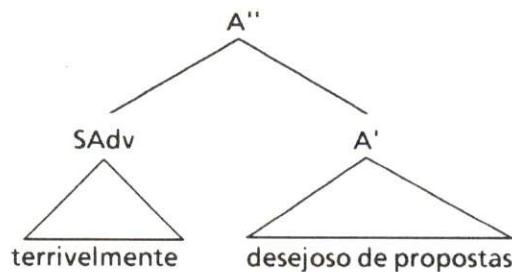
SAdv¹ = especificador de A' [A'' , terrivelmente [A' , desejoso de propostas]]

SAdv = especificador de P' [P'' , completamente [P' , contra a proposta]]

ou (ii)a.

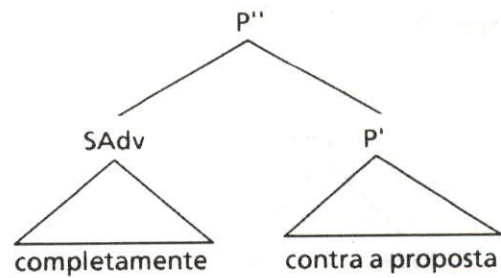


b.



¹ Os SAdv's que desempenham a função de especificadores são, do ponto de vista lógico-semântico, quantificadores, constituindo, portanto, uma subclasse dos SAdv's a que alguns preferem chamar **sintagma quantificador (SQ)**.

c.

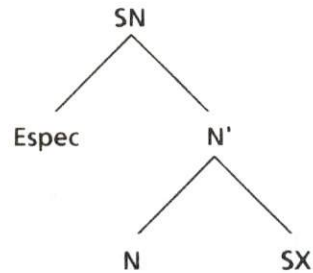


6.2.1 A estrutura do SN

Na sequência da introdução à Teoria X-Barra apresentada nos pontos anteriores desta unidade, em que o SN (ou N'') é definido como sendo **a projecção máxima de um N**, recordamos que N pode ter especificador à esquerda e complemento(s) à direita, o que representamos em (15):

(15)(i) [SN Espec [N' N SX]]

ou (ii)



Neste ponto vamos descrever várias realizações de SN em português e a propósito falaremos também da estrutura interna do SP, do SA e do SAdv.

Como sabemos, o SN pode desempenhar diversas funções na frase. Na unidade 4 recordámos que o SN pode ser sujeito, complemento directo, complemento indirecto, e adjunto.

6.2.1.1 O núcleo do SN

Começemos por observar alguns exemplos de SNs funcionando como objectos directos do verbo:

- (16)a. fiz exercícios
- b. fiz esses exercícios
- c. fiz exercícios de sintaxe
- d. fiz esses exercícios de sintaxe

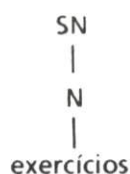
Verificamos em (16) que, no interior do SN, só o núcleo [N exercícios] é obrigatório. Realmente, o [N exercícios] encontra-se nos quatro exemplos, podendo variar os elementos à sua esquerda e à sua direita.

Repare-se que, em (16a), o SN não tem nem especificador nem complemento. Veja-se, então, a representação sintáctica correspondente a (16a):

(17) (i) [SN [N exercícios]]

ou (ii) [SN [N' [N exercícios]]]

ou (iii)



ou (iv)

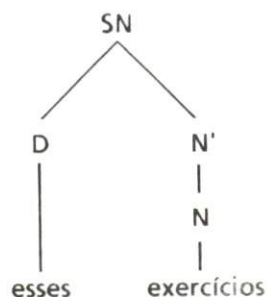


Em (17), as representações (i)/(ii) e (iii)/(iv) são equivalentes, porque o sintagma tem apenas o núcleo, o que significa que as projecções de N, isto é, N' e N'', são idênticas. Sendo N'' a categoria sintagmática, não podemos dispensá-la, mas podemos omitir a categoria N', como fazemos em (17i) e (17iii), na medida em que o sintagma não tem especificador, e como fizemos atrás relativamente ao SV, em (12i) e (12ii).

Em (16b), o SN tem especificador — o [D esses] — e não tem complemento:

(18) (i) [SN [D esses] [N' [N exercícios]]]

ou (ii)



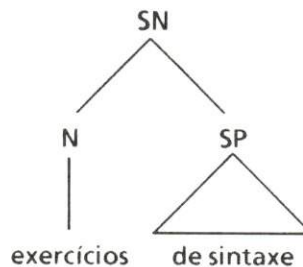
A presença do especificador exige uma primeira projecção do núcleo como uma categoria de uma barra, neste caso, N'. Como se vê em (18), o D é o especificador de N', sendo ambas as categorias — D e N' — dominadas pela projecção máxima SN.

Em (16c), o SN tem complemento — o [SP de sintaxe] — e não tem especificador:

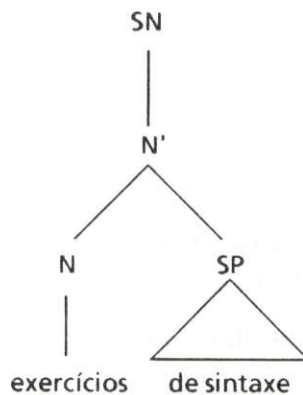
(19)(i) [SN [Nexercícios] [SP de sintaxe]]

ou (ii) [SN [N' [N exercícios] [SP de sintaxe]]]

ou (iii)



ou (iv)



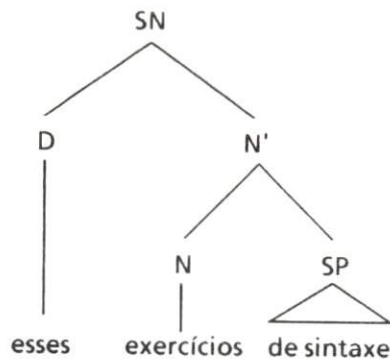
As quatro representações de (19) são equivalentes. No interior do SN não há especificador, e portanto a categoria de nível N' não é obrigatória. Recorde-se que, neste caso, N' e SN são idênticos, podendo-se omitir o N' que, teoricamente, é a categoria que domina o núcleo e o seu complemento, como se mostra em (19ii) e (19iv).

A não existência de especificador permite as representações mais simples (19i) ou (19iii), em que o SN domina imediatamente o núcleo N e o seu complemento SP.

Em (16d), o SN apresenta realizados o especificador e o complemento do núcleo:

(20)(i) [_{SN} [_D esses] [_{N'} [_N exercícios] [_{SP} de sintaxe]]]

ou (ii)



Em (20) temos uma representação típica de SN, mostrando o especificador — o [_D esses] — como um constituinte irmão do [_{N'} exercícios de sintaxe], à esquerda desta categoria, e a categoria N' a dominar o núcleo [_N exercícios] e o seu complemento à direita — o [_{SP} de sintaxe].

A ordem dos constituintes no interior do SN é completamente rígida. Repare-se na agramaticalidade das seguintes sequências:

- (21)a. *exercícios esses
- b. *de sintaxe exercícios
- c. *exercícios esses de sintaxe
- d. *exercícios de sintaxe esses
- e. *esses de sintaxe exercícios

Dissemos que a categoria N — [+N, -V] — determina o tipo de sintagma que é a sua projecção máxima — o SN. No entanto, encontramos nas línguas outros elementos nominais que são realizações da categoria SN — os **pronomes**. Estes desempenham na frase as mesmas funções dos sintagmas nominais plenos, ocupando, portanto, as mesmas posições estruturais.

Vamos examinar um exemplo com sintagmas nominais a par de outros com pronomes:

- (22)a. a Maria deu um presente ao João
- b. ela deu aquilo a ele

- c. ela deu-lhe aquilo
- d. ela deu-o a ele
- e. ela deu-lho

O pronome pessoal *ela* é equivalente ao [SN a Maria], desempenhando igualmente a função de sujeito da frase. Em (22b) o pronome demonstrativo *aquilo*, tal como o [SN um presente], é o objecto directo do verbo *dar*; e o pronome pessoal *ele*, regido da preposição *a*, funciona como objecto indirecto do verbo, à semelhança do que acontece com o [SN o João]. Em (22c) o pronome clítico *lhe*, embora incorporado no verbo, é interpretado como o objecto indirecto deste; em (22d) o pronome clítico *o*, também incorporado no verbo, é interpretado como o objecto directo; e, em (22e), *lho* é a amálgama dos dois clíticos verbais — *o + lhe = lho*, sendo *lhe* associado ao objecto indirecto do verbo, ao qual se junta o clítico de objecto directo *o*¹.

¹ O clítico é um constituinte fonológica e sintacticamente dependente de um verbo e está, em geral, associado a uma posição argumental vazia: *ela deu-lho_i* [cv_i] [cv_j]. (Sobre os clíticos em português ver, por exemplo, Duarte (1983) e Rouveret (1989)).

Como dissemos na unidade 4, o português, por exemplo, tem a possibilidade de não realizar foneticamente o sujeito pronominal, o que significa que, na posição sintáctica do SN sujeito da frase, existe uma categoria vazia que substitui o item lexical que é o pronome pessoal.

Observemos os exemplos seguintes:

- (23)a. o João fez os exercícios
- b. eles fizeram os exercícios
- c. fizeram os exercícios

Recorde-se que, de acordo com o Princípio de Projecção Alargado, temos sempre uma categoria SN — o [SN, F] — na posição de sujeito das frases. Porém, relativamente aos sujeitos de (23), só em (23a) o SN sujeito tem um nome (N) como núcleo. Em (23b) e (23c) não existe um nome mas um pronome realizando o SN. Este tem realização fonética em (23b) — *eles* — e não é realizado foneticamente em (23c). Chamamos à categoria vazia sujeito de (23c) *pro* (ou *pro pequeno*).

A diferença existente entre (23b) e (23c) é, realmente, apenas fonética, porque, do ponto de vista sintáctico e semântico, os SNs com função de sujeito, em (23b) e (23c), são perfeitamente equivalentes:

- (24)(i) [F [SN eles] [fizeram os exercícios]]
- (ii) [F [SN pro] [fizeram os exercícios]]

Uma outra categoria vazia **PRO (ou PRO grande)** é o sujeito da infinitiva (não flexionada). A categoria vazia PRO, sujeito da oração infinitiva [-T, -Ac], é

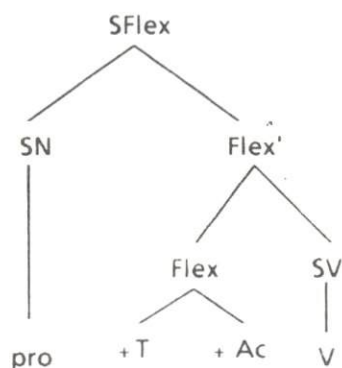
distinta da categoria vazia *pro* (ou *pro* pequeno), sujeito nulo das orações finitas [+T,+Ac], e de infinito flexionado (ou infinito pessoal) [-T,+Ac]. A distinção de duas categorias vazias sujeitos de orações — PRO e *pro* — releva do facto de as condições que as legitimam serem diferentes, como se pode ver pela simples comparação dos traços que caracterizam as Flexões dos três tipos de orações.

Utilizámos até agora o símbolo F para o nó que domina os constituintes da frase. No entanto, considera-se, actualmente, que a categoria **Flex** é o núcleo da frase em português e, que, de acordo com a Teoria X-Barra, a **projectão máxima de Flex** — o SFlex — é a categoria que domina os constituintes da frase — SN Flex SV. Assim, a partir de agora, a categoria sintagmática SFlex substituirá o símbolo F, nas nossas representações¹.

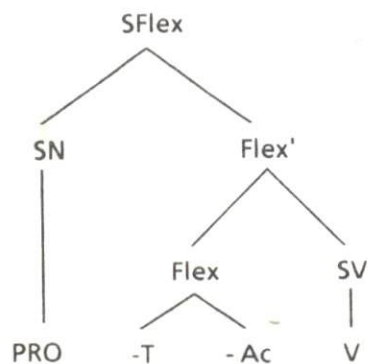
¹ Ver unidade 7, onde se dá uma explicação mais desenvolvida.

Vamos, então, exemplificar e representar os três tipos de orações com sujeitos nulos:

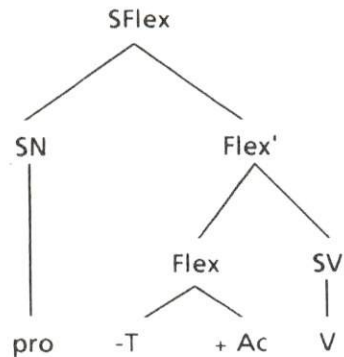
- (25)a. *pro* fizeram os exercícios
 - b. PRO fazer os exercícios
 - c. *pro* fazerem os exercícios
- (i) oração finita [+T,+Ac]



- (ii) oração infinitiva [-T,-Ac]



(iii) oração de infinito flexionado



Existem, contudo, diferenças estruturais importantes entre o nome e o pronome. É de notar, em particular, que enquanto o nome pode ter especificador e complemento, como se vê, por exemplo, em (16), os pronomes, incluindo *pro* e *PRO*, não podem, pelo que não se justifica uma estrutura interna do SN com vários níveis.

Consideramos, então, que a par do SN que é a projecção máxima de um N, com a possibilidade de ter especificador e complemento, existe o SN dominando directamente o pronome, com realização fonética, ou *pro* e *PRO*, sem realização fonética:

(i)



(ii)



6.2.1.2 Complementos e Adjuntos

Como dissemos nos pontos anteriores desta unidade, na Sintaxe X-Barra considera-se que um núcleo e o seu complemento constituem uma projecção do núcleo, que é uma categoria X-barra. Assim, vimos que o [_{SN} esses exercícios de sintaxe] contém o núcleo [_N exercícios] com um complemento — o [_{SP} de sintaxe] —, ambos dominados por N-barra, e que o especificador —o [_D esses] — e N-barra são dominados pela projecção máxima de N — o SN = N-duas barras (ou N'').

Neste ponto vamos examinar outros elementos, que encontramos no interior do sintagma nominal, e que não são nem especificadores, nem complementos do núcleo, a que chamamos **adjuntos**.

Já estabelecemos, na unidade 4 «Sobre Funções Gramaticais», a distinção entre complementos e adjuntos dos principais constituintes da frase. Esta mesma distinção de natureza funcional é também estabelecida em relação a determinados constituintes do SN.

Vamos observar exemplos de sintagmas nominais que contêm sintagmas preposicionais correspondendo a estes dois tipos diferentes de constituintes não nucleares do SN:

- (26)a. esses exercícios [SP de sintaxe]
 b. esses exercícios [SP com alíneas]

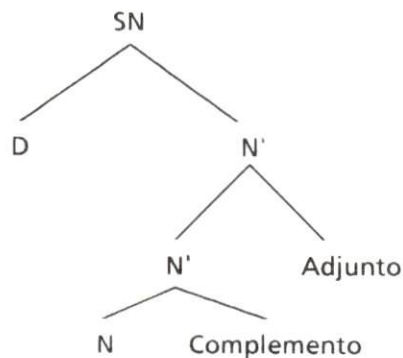
O sintagma preposicional de (26a) é um complemento do nome e o sintagma preposicional de (26b) é um adjunto. Repare-se que podemos juntar os dois SPs, sendo, no entanto, claramente melhor a ordem dos constituintes do SN que apresenta o SP adjunto à direita do SP complemento de N:

- (27)a. esses exercícios de sintaxe com alíneas
 b. *esses exercícios com alíneas de sintaxe¹

O contraste verificado em (27) ajuda-nos a compreender que existe, realmente, uma diferença estrutural entre complementos e adjuntos.

O núcleo e o complemento são projectados do Léxico como uma categoria sintáctica, neste caso N-barra, e o adjunto é acrescentado àquela categoria, na seguinte configuração:

- (28)(i) [SN D [N' [N' N Complemento] Adjunto]]
 ou (ii)



Vamos fazer uma leitura atenta do diagrama (28), considerando o contraste verificado em (27). Comecemos por observar o seguinte:

- (29)(i) N' é a categoria que domina o núcleo N e o seu complemento
 (ii) N' (= [N complemento]) tem um adjunto

¹ O exemplo (27b) é, contudo, bom para uma outra interpretação — *os exercícios têm alíneas de sintaxe* — em que o [SP de sintaxe] faz parte da estrutura interna do adjunto — o [SP com alíneas de sintaxe].

(iii) N' (= [N' adjunto]) tem um especificador

(iv) N'' domina o especificador D e N' (= [[N complemento] adjunto])

Sabemos que o nó SN domina todos os constituintes da sua estrutura interna; que D e N' são os seus constituintes imediatos; e ainda que N' domina N e o complemento. A representação (28) apresenta ainda uma expansão de um N' num outro N', não distinto do primeiro, pois trata-se de dois segmentos da mesma categoria, encontrando-se o adjunto à direita do N' que domina imediatamente N e o complemento. O adjunto é, então, um nó, simultaneamente, irmão de N' e filho de N', o que é uma relação de parentesco estranha. No entanto, o adjunto não é excluído pela categoria N', pois faz parte deste N' complexo; o adjunto não está, contudo, incluído na categoria N', porque não é dominado por esta categoria, uma vez que não é dominado por um dos segmentos dela.

Resumindo:

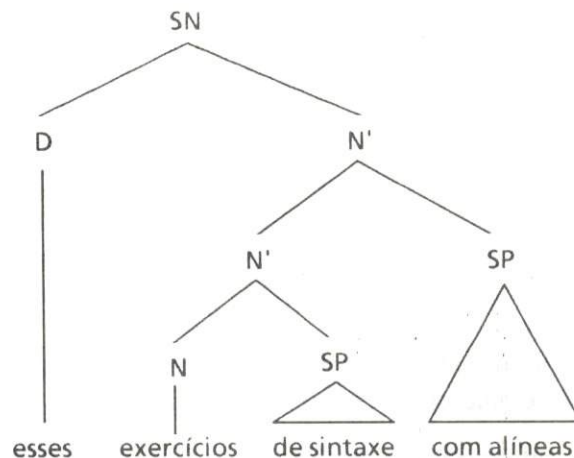
(30)(i) o adjunto não está incluído na categoria N', porque não é dominado por todos os segmentos de N'

(ii) não está excluído de N', porque há um segmento de N' que o domina

Repare-se que em (28) existem dois segmentos de N' e que um dos segmentos, aquele que domina o núcleo N e o seu complemento, não domina o adjunto. Contudo, em (28), o N' é, como dissemos, uma categoria complexa, apresentando, para além do seu núcleo N, um complemento e um adjunto. No nosso exemplo (27a), o complemento e o adjunto pertencem à mesma categoria sintagmática — SP:

(31)(i) [SN D [N' [N' N SP] SP]

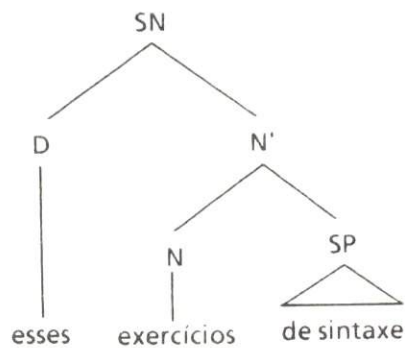
ou (ii)



Como exercício vamos, então, colocar em paralelo a representação de (26a) e a de (26b):

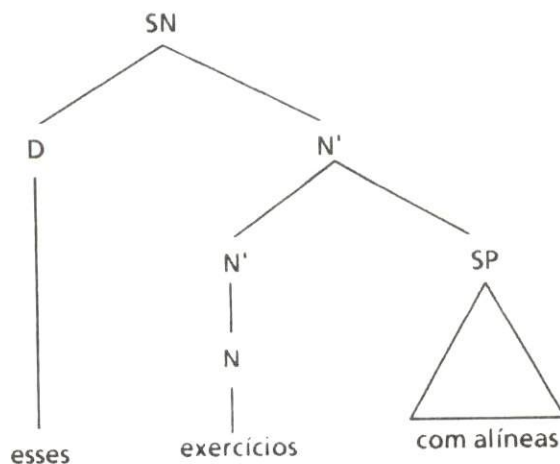
(32)(i) [_{SN} [_D esses] [_{N'} exercícios [_{SP} de sintaxe]]]

ou (ii)



(33)(i) [_{SN} [_D esses] [_{N'} [_{N'} [_N exercícios]] [_{SP} com alíneas]]]

ou (ii)



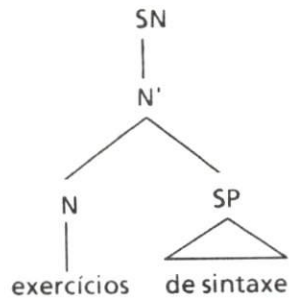
No ponto 6.2. dissemos que a existência de um especificador na estrutura de um sintagma exige a categoria de nível uma barra — X' — e que, não havendo especificador, podíamos dispensar a categoria X' e representar X'' a dominar o núcleo X^o e o seu complemento. No entanto, verificamos que existe a possibilidade de expandir a categoria X' em dois segmentos X', que é a estrutura de adjunção a X', onde representamos categorias sintagmáticas que não são complementos, nem especificadores. Parece então ser óbvia a conclusão, que já tínhamos avançado anteriormente¹, de que a categoria X' existe potencialmente, mesmo quando a estrutura não tem um especificador.

¹ Ver 6.2

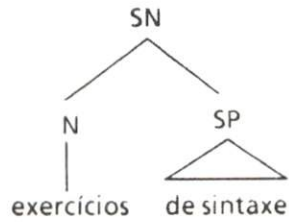
Repare-se, em (34), nos SNs sem especificador, objectos directos do verbo, e, em (35), nos diagramas correspondentes:

- (34)a. fiz *exercícios de sintaxe*
- b. fiz *exercícios com alíneas*
- c. fiz *exercícios de sintaxe com alíneas*

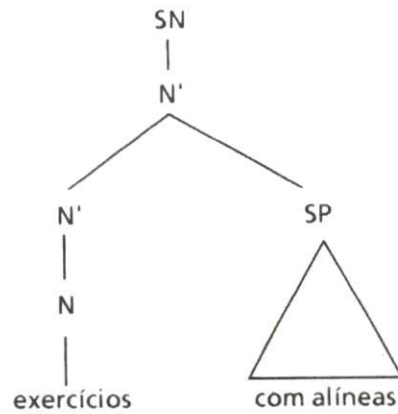
(35)(i)



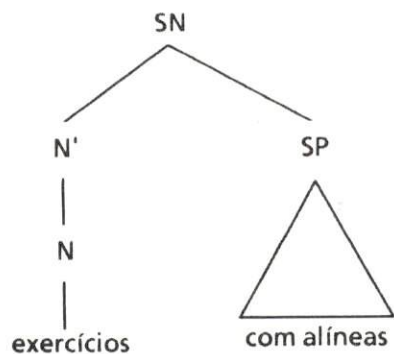
ou (ii)



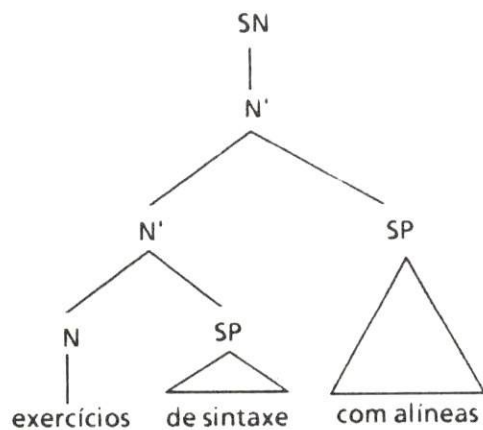
(iii)



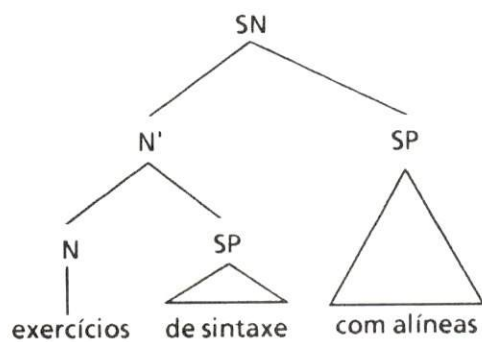
ou (iv)



(v)



ou (vi)



O que dissemos atrás relativamente a estruturas semelhantes a (35i) e (35ii), deveríamos dizer agora, no que respeita às representações alternativas de estruturas de adjunção do tipo (35iii) e (35v), ou (35iv) e (35vi). Recorde-se que dissemos que, na ausência de especificador, a categoria N' é idêntica a SN e pode ser dispensada. No entanto, tendo em consideração (30), nomeadamente

a consideração de que o adjunto não está excluído de N', preferimos manter o nó N' mais alto, nas estruturas de adjunção a N', mesmo quando não existe especificador.

É importante notar que a proximidade estrutural relativa existente entre o adjunto e a categoria N', que se evidencia representando o adjunto na posição periférica relativamente ao N' — não está incluído nessa categoria nem excluído dela —, permite, por um lado, dar conta do diferente comportamento sintáctico de adjuntos e de complementos, mas, por outro lado, permite captar uma certa relação existente entre ambos. A gramática tradicional, não distinguindo os dois tipos de constituinte (são considerados, indistintamente, «complementos determinativos»), mostra-se, de certo modo, inadequada, neste domínio, apreendendo, todavia, o facto de nem os complementos nem os adjuntos serem excluídos da primeira projecção do núcleo.

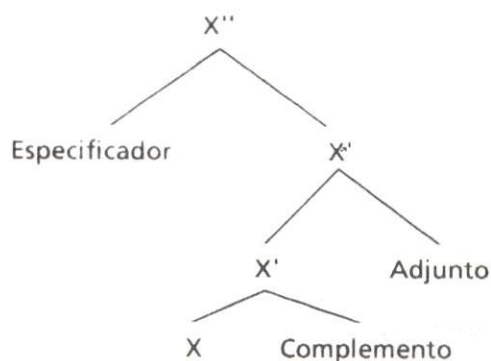
Consideramos, portanto, que são as representações (35iii) e (35v) as que satisfazem inteiramente (30).

Vamos sintetizar em (36):

- (36)(i) os complementos expandem a categoria N numa categoria N-barra
- (ii) os adjuntos a N' expandem a projecção N-barra noutra projecção N-barra
- (iii) os determinantes expandem a categoria N-barra numa categoria N duas barras

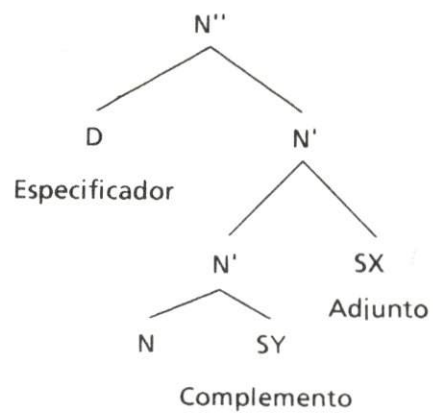
E vamos ter de acrescentar o adjunto a X' ao nosso esquema básico da Sintaxe X-Barra, apresentado em (5):

(37)

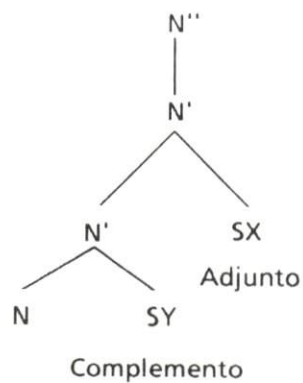


O esquema geral (37) é adaptado a diferentes SNs em (38). Em (38i) o SN tem todos os constituintes previstos no esquema (37) — núcleo, especificador, complemento e adjunto; em (38ii) não tem especificador; e em (38iii) não tem especificador nem complemento:

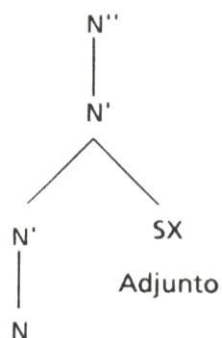
(38)(i)



(ii)



(iii)



O adjunto de N' — SX — é, nos exemplos que temos vindo a considerar, um sintagma preposicional, mas pode ser também um sintagma adjectival.

Vamos observar alguns exemplos:

(39)a. exercícios fáceis

b. exercícios extremamente fáceis

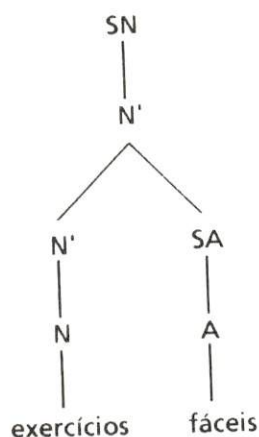
c. exercícios extremamente fáceis, curtos, interessantes

Nos três exemplos de SNs de (39) encontra-se um SA à direita do N. Este SA é composto apenas pelo adjetivo, em (39a); em (39b), o SA inclui o especificador e o núcleo; e, em (39c), temos não apenas um mas três SAs.

Vamos ver as representações correspondentes:

(40)(i) [SN [N' [N' exercícios]] [SA [A fáceis]]]

ou (ii)

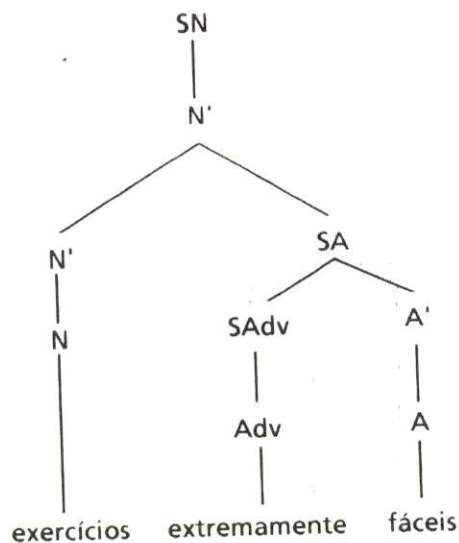


O SA, modificador de N, não é um complemento do nome mas um adjunto a N', como mostra (40) e as representações seguintes.

Em (39b), representado em (41), o SA adjunto tem um SAdv como especificador:

(41)(i) [SN [N' [N' [N exercícios]] [SA [SAdv [Adv extremamente]] [A' [A fáceis]]]]]

ou (ii)

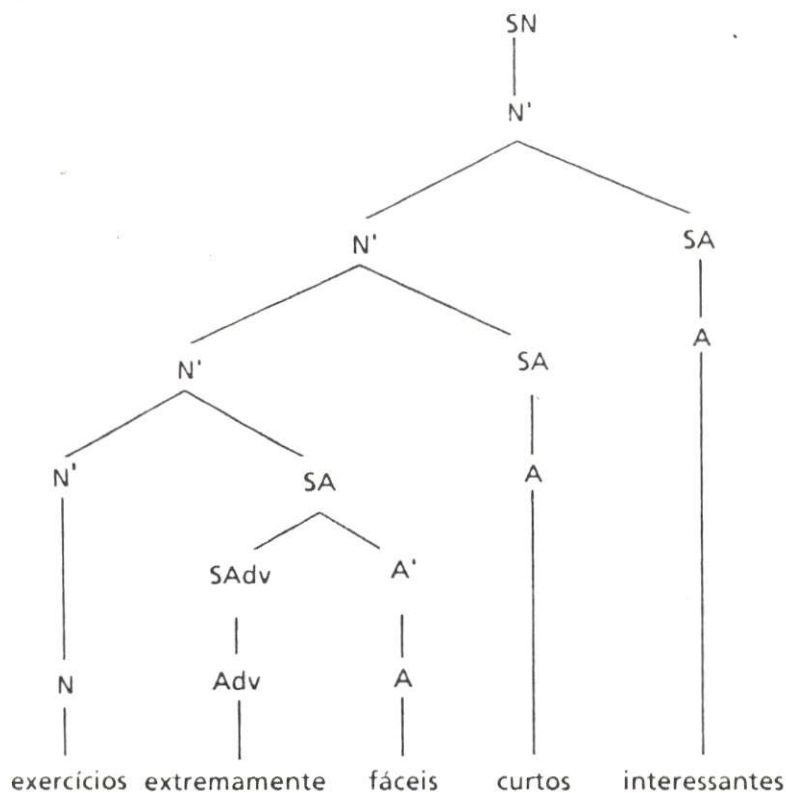


O SN de (39c) é ambíguo. Numa leitura, o [S_{Adv} extremamente] é especificador do primeiro adjectivo, como se mostra na representação (42i)/(42ii), dando ao SN a interpretação de *exercícios [extremamente fáceis] curtos, interessantes*; noutra leitura, o [S_{Adv} extremamente] é especificador dos três adjectivos, como se pode ver em (42iii) e (42iv), permitindo interpretar o SN como *exercícios extremamente fáceis, extremamente curtos, extremamente interessantes*.

Correspondendo à primeira leitura, os três SAs de (39c) são três adjuntos a N', portanto, temos quatro projecções de N', como se pode ver na representação (42i)/(42ii); correspondendo à segunda leitura temos um SA adjunto a N', que tem na sua estrutura interna um especificador para uma sequência de três adjectivos na sua projecção A'.

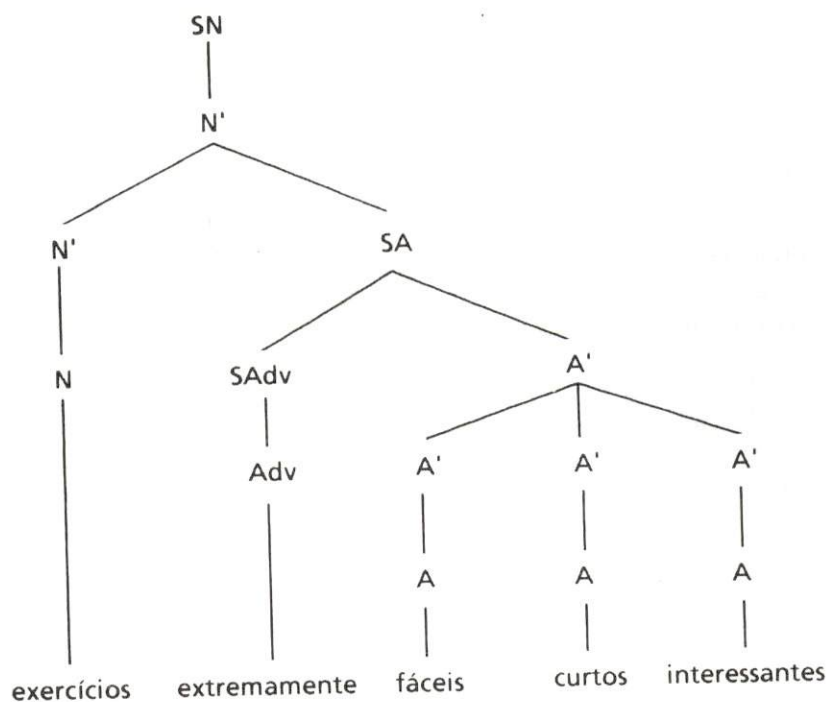
(42)(i) [SN [N' [N' [N' [N' [N exercícios]]] [SA extremamente fáceis]]] [SA curtos]]
[SA interessantes]]]

ou (ii)



(iii) [SN [N' [N' exercícios]] [SA extremamente [A' fáceis] [A' curtos] [A' interessantes]]]]]

ou (iv)



¹ Considera-se que a coordenação é ao nível de A' e não de A, porque o adjectivo pode ter complemento, por exemplo: [muito [A' desejoso de propostas] [A' necessitado de apoios] [A' ansioso], o que justifica a coordenação a este nível.

² Recorde-se que falámos, na unidade 2 (ponto 2.3.1), da fraca aceitabilidade e da inaceitabilidade de determinadas estruturas gramaticais de recursividade.

Repare-se que, na estrutura (42i)/(42ii), fomos projectando N' noutra N' as vezes necessárias para incluir os três SAs adjuntos; e na estrutura (42iii)/(42iv) temos um SA adjunto a N' com três A's coordenados¹.

Teoricamente, a criação de estruturas de adjunção e de coordenação não tem limite. A este processo de reaplicação da mesma regra chamamos **Recursividade**².

Assim, os adjuntos a N' expandem, recursivamente, a projecção N' noutra N' e a coordenação cria uma sequência de categorias idênticas. Sabemos, contudo, que no uso da linguagem se torna difícil de compreender, ou mesmo incompreensível, uma sequência de adjunções ou de coordenações demasiado longa. Não é possível decidir qual o número máximo de adjunções ou de coordenações aceitável, mas sabemos que, em português, a última adjunção (ou coordenação) apresenta, normalmente, uma conjunção coordenativa.

Exemplificamos em (43):

(43) exercícios muito fáceis, curtos, interessantes e motivadores

A coordenação de duas ou mais categorias idênticas, como em (43), é perfeitamente natural. Vamos representá-la, simplificada, de acordo com cada uma das leituras atrás consideradas:

Verifica-se, no entanto, que a coordenação de dois SPs de natureza diferente já não é possível, como podemos ver a partir dos exemplos (34).

Vamos, então, examinar mais alguns exemplos:

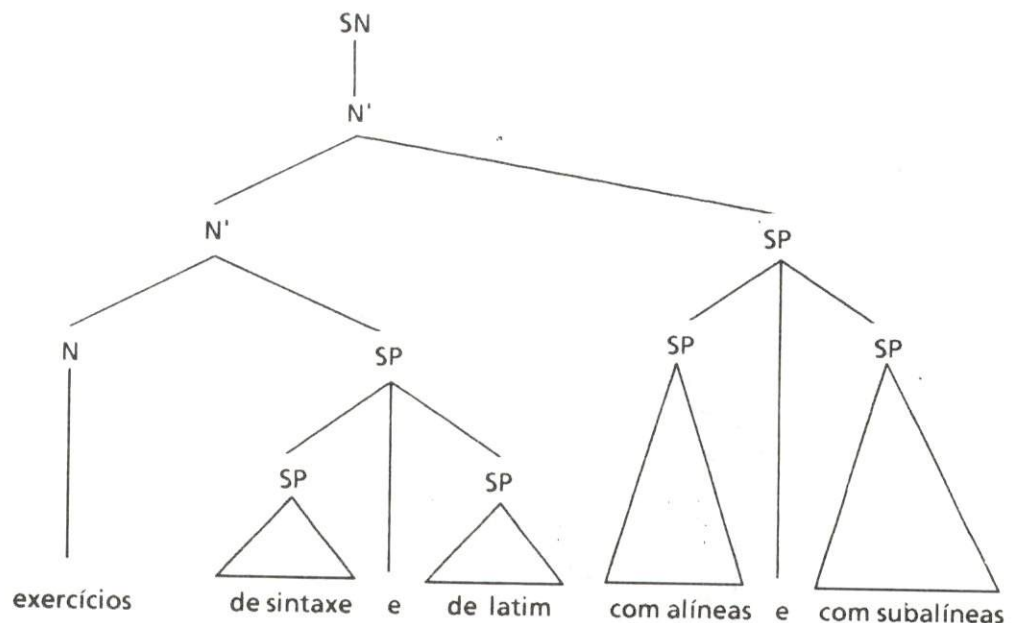
- (45)a. fiz exercícios de sintaxe e de latim
- b. *fiz exercícios de sintaxe e com alíneas
- c. fiz exercícios com alíneas e com subalíneas
- d. *fiz exercícios de sintaxe com alíneas de latim e com subalíneas
- e. fiz exercícios de sintaxe e de latim com alíneas e com subalíneas

A coordenação dos SPs de (45a), de (45c) e de (45e) é perfeitamente normal por se tratar de coordenações de categorias do mesmo tipo. Em (45a) estão coordenados dois SPs complementos de N; em (45c) estão coordenados dois SPs adjuntos a N'; e em (45e) estão coordenados dois SPs complementos de N e dois SPs adjuntos a N'.

Vamos representar (45e), que tem o SN objecto directo do verbo com dois SPs complementos coordenados e dois SPs adjuntos coordenados, sem, contudo, desenvolver a estrutura dos SPs:

(46)(i) [SN [N' [N' [N exercícios] [SP [SP de sintaxe] e [SP de latim]]] [[SP [SP com alíneas] e [SP com subalíneas]]]]

ou (ii)

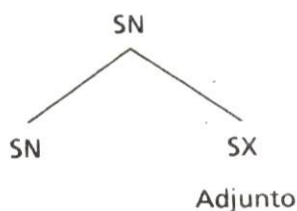


Não avançaremos mais nada sobre coordenação, um processo com muitas restrições, impossível de desenvolver neste curso. A nossa intenção, ao referi-

-lo, foi apenas mostrar que determinados constituintes, categorialmente idênticos, desempenham funções diferentes — de complementos ou de adjuntos — revelando a sua natureza distinta através da impossibilidade ou dificuldade em se coordenarem, como se exemplifica em (45b) e (45d).

Os sintagmas nominais podem ainda ter adjuntos a SN. Os adjuntos a SN expandem, recursivamente, a projecção máxima SN noutra projecção SN, como se representa a seguir:

(47)



O adjunto a SN é interpretado como um parêntesis explicativo sobre o SN de que é um adjunto. A **adjunção a SN é uma Predicação, cujo predicado é o adjunto e o sujeito é o SN que tem o adjunto.**

Vamos considerar alguns exemplos:

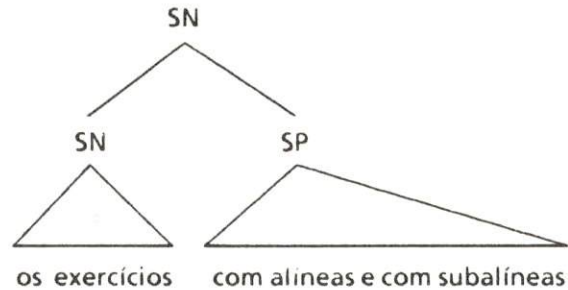
- (48)a. esses exercícios, com alíneas e com subalíneas, são para fazer do princípio ao fim
- b. a Maria, extremamente necessitada de dinheiro, arranjou dois empregos
- c. o João, aquele aluno óptimo, desapareceu
- d. a Maria, independentemente do trabalho, faz negócios
- e. o João, que investiu nesse projecto, está radiante

Os SNs sujeitos das frases (48a)-(48d) e o SN sujeito da oração principal de (48e) apresentam à sua direita, com pausas e curvas melódicas apropriadas na oralidade e vírgulas na escrita, sintagmas que são adjuntos a SN: um SP com dois SPs coordenados, em (48a); um SA com especificador e complemento, em (48b); um SN com especificador e adjunto a N', em (48c); um SAdv com complemento, em (48d); e uma frase relativa, em (48e).

Vamos, então, representar simplificadaamente, em (49) e (50), as estruturas de adjunção a SN correspondentes a (48):

(49)(i) [SN [SN os exercícios] [SP [SP com alíneas] e [SP com subalíneas]]]

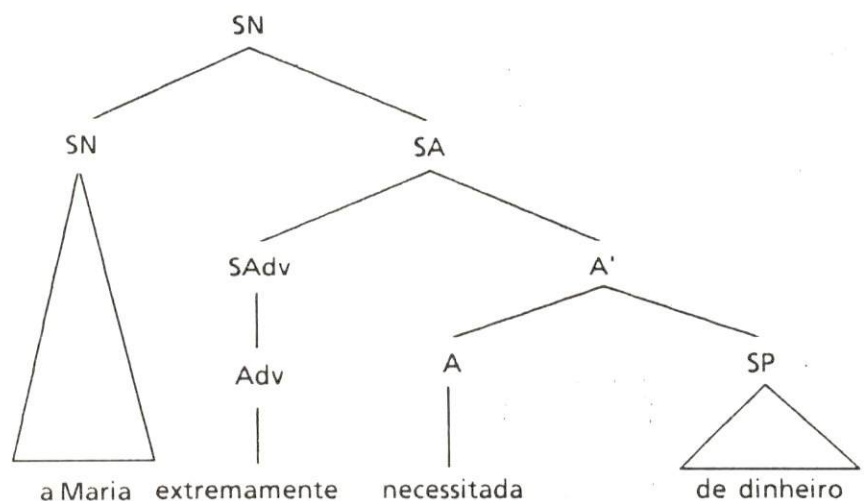
ou (ii)



Recorde-se que considerámos atrás, em (46), o [SP com alíneas e com subalíneas] um adjunto a N'. Efectivamente, enquanto a representação (46) dá conta da interpretação deste SP como **modificador** de N', a representação (49) é associada à interpretação de **aposto** ao SN. Exactamente o mesmo se verifica relativamente às representações seguintes, que dão conta da interpretação de aposto do sintagma à direita de SN, colocando-o, independentemente da sua categoria sintagmática, na posição de adjunção a SN.

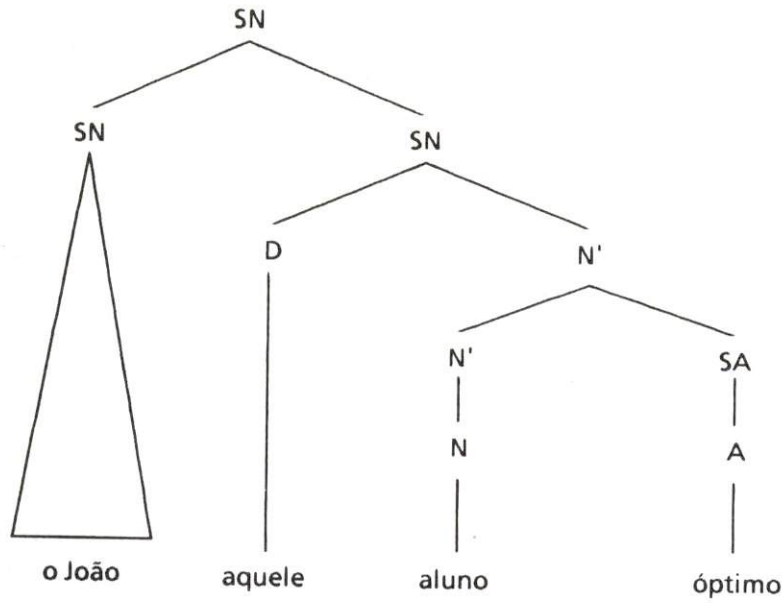
(50)(i) [SN [SN a Maria] [SA extremamente [A necessitada [SP de dinheiro]]]]

ou (ii)



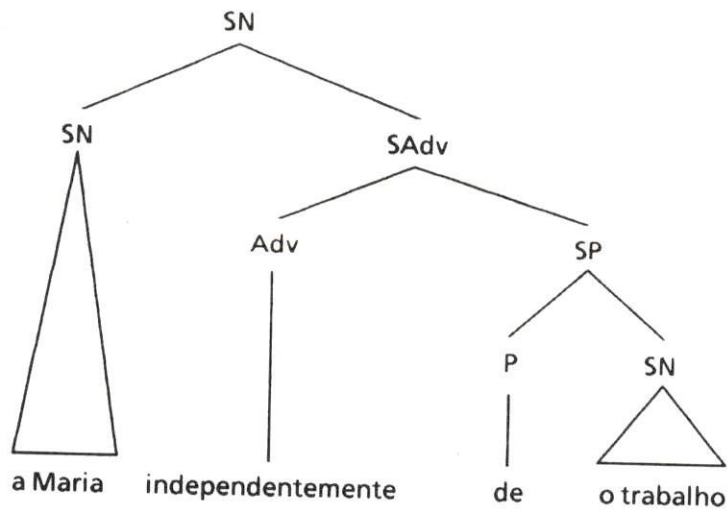
(iii) [SN [SN o João] [SN aquele [N' [N' aluno] [SA óptimo]]]]

ou (iv)



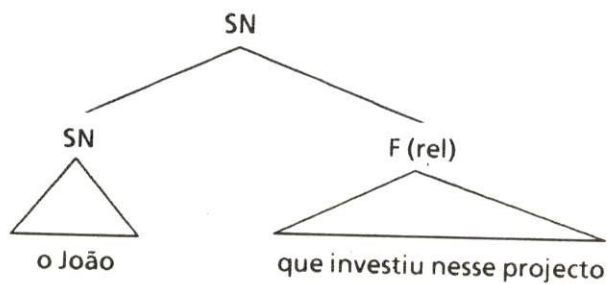
(v) [SN [SN a Maria] [SAdv [Adv^v independentemente [SP de o trabalho]]]]

ou (vi)



(vii) [SN [SN o João] [F_(rel) que investiu nesse projecto]]¹

ou (viii)



¹ A análise da oração relativa será desenvolvida na unidade 10 e a etiqueta por que a designamos será substituída por outra mais adequada.

Na descrição da estrutura interna do SN em português temos oportunidade de desenvolver, igualmente, os esquemas básicos do SFlex, do SP, do SA e do SAdv. Daremos mais exemplos de cada um dos sintagmas nos pontos seguintes e na unidade 7.

6.2.2 *A estrutura do SV*

No início desta unidade definimos o SV (ou V'') como sendo a **projecção máxima de um V**, e dissemos que iríamos assumir que o SV não tem especificador, ao contrário das restantes categorias sintagmáticas que utilizamos nas nossas análises.

Alguns linguistas consideram que certos advérbios funcionam como especificadores de SV, o que satisfaz o paralelismo entre as várias categorias sintácticas e preenche, de uma maneira natural, a lacuna deixada em aberto na nossa descrição. Mas porque tal análise se revela um pouco complexa decidimos não a incluir neste curso¹.

¹ Ver, por exemplo, Pollock (1989, versão preliminar datada de 1986) e Rizzi (1989).

6.2.2.1 O Núcleo do SV

Assumimos que a categoria V — [-N, +V] — determina o tipo de sintagma que é a sua projecção máxima — o SV. Como sabemos, o português tem, contudo, para além dos verbos lexicais (ou temáticos), chamados habitualmente verbos principais, outra classe de verbos que é constituída pelos verbos auxiliares. A discussão sobre o que são verbos auxiliares e quais são os verbos auxiliares em cada língua em que, realmente, existem auxiliares, não é de modo nenhum pacífica. A partir do artigo de Ross (1969), os verbos auxiliares são tratados como núcleos do SV, distinguindo-se dos verbos temáticos pelas suas propriedades lexicais. Recorde-se que os verbos auxiliares não têm uma grelha temática e têm como complemento um constituinte com um elemento temático (ou predicado). O verbo auxiliar é entendido como um elemento auxiliar de uma predicação, podendo a categoria sintagmática complemento do verbo auxiliar que funciona como predicado ser, em princípio, qualquer uma.

O facto de certos verbos serem auxiliares, isto é, elementos funcionais, explica que possam não existir nalgumas línguas ou, ainda, que possam ocorrer em contextos diferentes nas línguas em que existem.

Consideramos, então, que o verbo auxiliar — [+Aux] — e o verbo temático — [-Aux] — são núcleos de SV e que as diferenças no interior do SV relevam das propriedades lexicais das várias classes de verbos².

² Veremos, na unidade seguinte, algumas estruturas com verbos auxiliares.

6.2.2.2 Complementos e Adjuntos

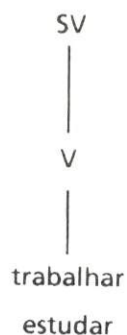
Recordamos que V pode não ter complemento(s), como se exemplifica em (51):

(51)a. a Maria trabalha

b. o João estuda

(i) [_{SV} [_V trabalhar/estudar]]¹

ou (ii)



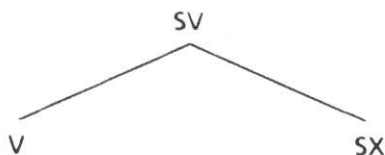
¹ Se o verbo não tiver complemento não se justifica a existência da categoria V'. veja-se (11i) e (12), nesta unidade.

E o verbo pode ter um, dois ou três complementos, como sabemos e vamos ver novamente.

Consideraremos, em primeiro lugar, a estrutura do SV com um complemento:

(52)(i) [_{SV} V SX]²

ou (ii)



² Recorde-se que, porque estamos a assumir que SV não tem especificador, V' é idêntico a SV e pode ser omitido nesta situação.

Vimos até este momento que o complemento de V — SX — pode ser um SN ou um SP³.

³ Ver unidades 4 e 5.

Vamos dar alguns exemplos em que, para além daquelas categorias, SX pode ser ainda um complemento oracional de V:

(53)a. a Maria fez o exercício

b. a Maria ralhou ao João

c. a Maria sabe que o João estuda

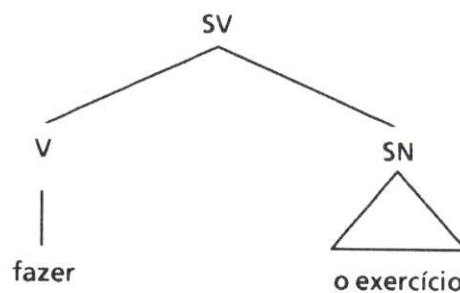
d. o João sabe se a Maria estuda?

e. a Maria sabe estudar

Exemplos de SVs semelhantes aos de (53a) e (53b) já foram várias vezes considerados, mas vamos voltar a representá-los, simplificados, a par dos SVs de (53c) a (53e):

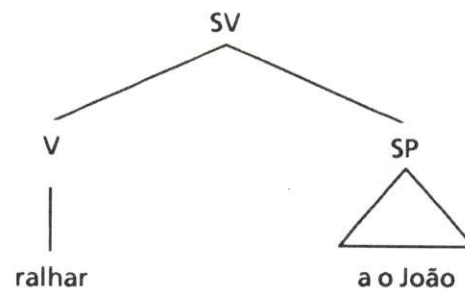
(54)(i) [sv [v fazer] [sn o exercício]]

ou (ii)



(iii) [sv [v ralar] [sp a o João]]

ou (iv)

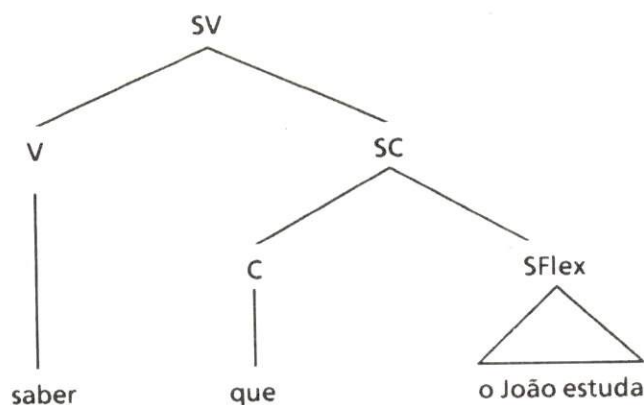


Não precisamos de dizer nada de especial sobre as representações acima — (54i) a (54iv) —, visto nos serem completamente familiares. Como é natural, o SV, idêntico a V', domina imediatamente o núcleo V e o seu complemento SN ou SP.

Vamos, então, examinar as representações dos SVs com complementos oracionais:

(55)(i) [_{SV} [_V saber] [_{SC} que [_{SFlex} o João estuda]]

ou (ii)



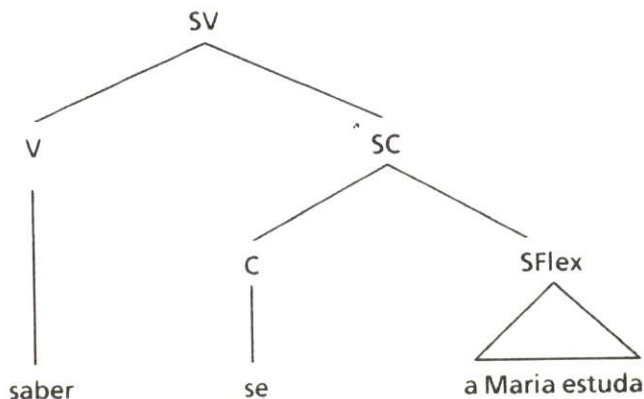
Na representação (55) vemos que o verbo *saber* tem à sua direita um complemento frásico (SFlex) introduzido pela conjunção *que*. Chamámos a esta conjunção, em (7), complementador (C), exactamente porque introduz uma oração completiva, subordinada integrante, na terminologia que nos vem da gramática tradicional. O diagrama (55) mostra, exactamente, que a oração completiva é uma categoria sintagmática — (SC) — subordinada ao verbo principal *saber*¹.

Dizemos, portanto, que o verbo principal, isto é, aquele que se encontra, na estrutura (55), na posição hierárquica acima em relação ao outro verbo, **subcategoriza** a categoria sintagmática que é o seu complemento, neste caso, o sintagma complementador (SC). As categorias subcategorizadas são sintagmas projectados nas posições estruturais destinadas aos complementos do núcleo que as rege e do qual dependem sintáctica e semanticamente².

Exactamente o mesmo se passa com o SV da oração principal de (53d). A única diferença existente entre (53c) e (53d) tem a ver com a própria natureza do complementador. Em (53d) o complementador não é a conjunção *que*, que introduz uma oração de tipo declarativo, mas é a conjunção *se*, que introduz uma oração de tipo interrogativo:

(56)(i) [_{SV} [_V saber] [_{SC} se [_{SFlex} a Maria estuda]]

ou (ii)



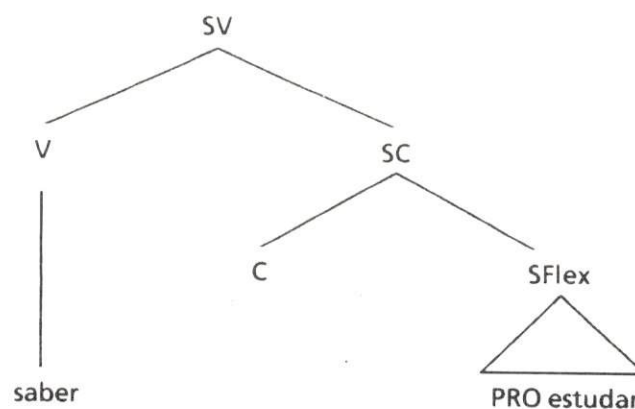
¹ Antes do texto de Chomsky (1986) utilizava-se o símbolo F (ou F' ou F-barra) para a oração introduzida por um complementador — *que* ou *se* —, e o símbolo F para qualquer oração sem complementador lexical. F e F-barra não são, contudo, categorias previstas na Syntax X-Barra, em que a categoria sintagmática é, necessariamente, a projecção máxima de uma categoria X⁰, daí a sua substituição pelas categorias SFlex (equivalente a F) e SC (equivalente a F').

² Alguns problemas relativos a subcategorização serão desenvolvidos na unidade 7.

Algo de muito semelhante vamos agora dizer sobre a oração infinitiva (53d), subcategorizada, também, pelo verbo *saber*. Observemos, em (57), a representação sintáctica do SV que tem como núcleo o verbo *saber* com um complemento SC, que é a oração infinitiva.

(57)(i) [sv [v saber] [sc [sFlex PRO estudar]]

ou (ii)



Nas representações (55), (56) e (57), verificamos que as orações subcategorizadas pelo verbo *saber* são SCs. A existência de um sintagma complementador (SC) é, de facto, evidente relativamente às orações introduzidas por um núcleo complementador com realização fonética — *que* ou *se* —. Não o é, contudo, relativamente à oração infinitiva, que não apresenta um item lexical complementador. Na representação (57) temos um complementador (C) nulo foneticamente. E sem dar, para já, uma explicação, vamos adiantar que, em princípio, todas as orações (ou frases) plenas são SCs, cuja estrutura interna analisamos no ponto seguinte (6.2.3).

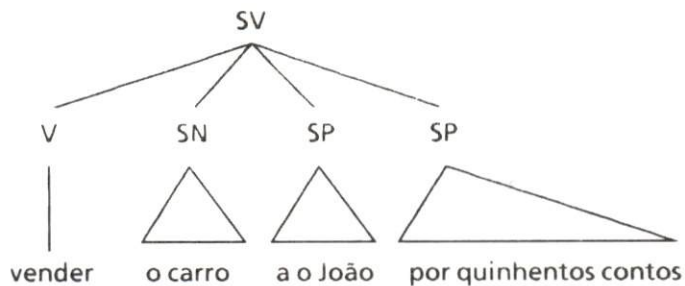
Passemos agora a considerar o SV com dois ou três complementos. Podemos recordar o verbo transitivo *vender* que, como vimos na unidade 5, projecta na sintaxe um, dois ou três complementos:

(58) a Maria vendeu o carro ao João por quinhentos contos

De acordo com o esquema básico da Teoria X-Barra, apresentado no início desta unidade, em (5), podemos representar o SV de (58) da seguinte maneira:

(59)(i) [SV [V vender] [SN o carro] [SP a o João] [SP por quinhentos contos]]

ou (ii)



Como se vê, nesta representação, os complementos do verbo são constituintes irmãos à direita deste, e são dominados por $SV = V'$, tal como está previsto no esquema da Sintaxe X-Barra. No entanto, se recordarmos o que dissemos, no ponto 5.3, sobre a Hierarquia Temática, somos forçados a repensar a representação (59). Repare-se que o complemento adjacente ao verbo *vender* é o SN Tema, e que os outros dois complementos são SPs — um com a interpretação de Alvo Principal/Fonte Secundária, e o outro com a interpretação de Tema Secundário¹.

A representação (59) mostra-nos uma estrutura plana que não dá conta da hierarquização dos papéis temáticos que se julga existir entre os vários argumentos associados a um verbo².

Recorde-se que se pensa ser o Tema o argumento hierarquicamente mais baixo na representação estrutural, e que, portanto, os argumentos Fonte e Alvo ocupam posições mais elevadas do que o Tema. Para além desta hipótese de Hierarquia Temática, que, realmente, procura relacionar a semântica dos argumentos com as posições sintáticas dos mesmos, existe ainda o trabalho desenvolvido por Kayne (1984), que motiva representações com ramificações binárias e leva a abandonar as estruturas do tipo de (59).

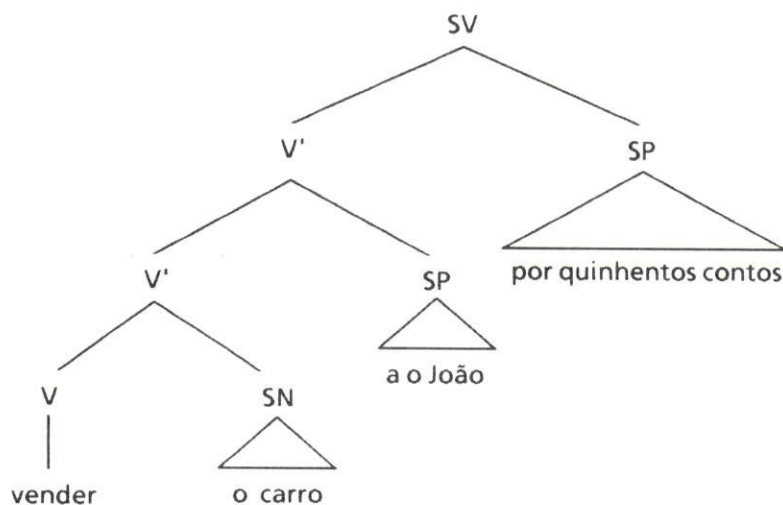
Pelas duas razões acima referidas, adoptaremos a seguinte estrutura de SV com mais do que um complemento:

¹ Ver unidade 5, exemplo (23b).

² Ver a proposta de Hierarquia Temática no ponto 5.3

(60)(i) [sv [v' [v vender] [sn o carro]] [sp a o João]] [sp por quinhentos contos]]

ou (ii)

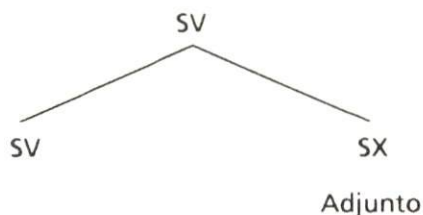


De acordo com a estrutura acima, V tem um complemento irmão à sua direita e os outros dois complementos são constituintes irmãos à direita dos segmentos de V'.

Para além de ser evidente que a Hierarquia Temática é satisfeita nesta representação e que se trata de uma estrutura binária, vamos explicitar um pouco mais a natureza lógico-semântica subjacente à sua organização. O verbo transitivo *vender* selecciona, necessariamente, um objecto directo Tema, que é regido directamente pelo verbo e com o qual forma o primeiro V'. Este conjunto — o [v' vender o carro] — selecciona outro complemento, o objecto indirecto Alvo/Fonte Secundária do verbo *vender*, constituindo com ele um segundo segmento de V'. A segunda projecção V' — o [v' [v vender o carro] [sp a o João]] — selecciona, por sua vez, um novo complemento, o Tema Secundário do verbo *vender*, formando uma terceira projecção de V, o [sv [v' [v vender o carro] [sp a o João]] [sp por quinhentos contos]]. Realmente, a categoria complexa SV domina o núcleo V *vender* e os argumentos-complementos seleccionados por ele. Estes estão em posições estruturais adequadas, numa representação binária que satisfaz não só a Hierarquia Temática como a Sintaxe X-Barra. De facto, estamos mais uma vez a considerar que no interior do SV se encontra o núcleo e os seus complementos, com uma determinada organização hierárquica.

Mas o SV tem também adjuntos. E os adjuntos a SV expandem, recursivamente, a projecção máxima SV noutra projecção SV, como se vê na representação seguinte:

(61)



O adjunto a SV é o circunstancial de Tempo, de Lugar ou de Modo, que, como sabemos, se relaciona com todo o Evento descrito na frase. Porque não se relaciona apenas com os constituintes de SV, **o adjunto circunstancial não é dominado por SV. O adjunto circunstancial é dominado pelo SFlex¹.**

¹ Ver unidade 4.

Vamos observar mais alguns exemplos:

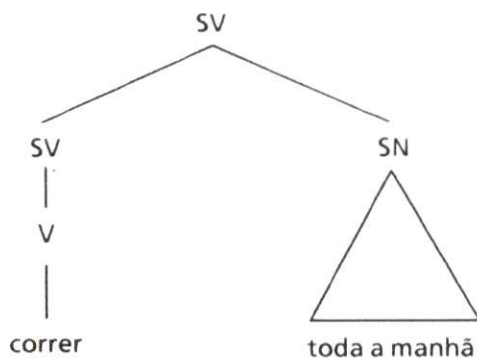
- (62)a. a Maria correu toda a manhã
b. o João escreveu uma carta ontem na faculdade
c. a Maria falou ao João ontem tranquilamente quando eu cheguei

Como exemplificamos acima, os adjuntos a SV podem ser de diferentes categorias sintagmáticas. Vamos representá-los sem, contudo, desenvolvermos a sua análise:

(63) um adjunto a SV

(i) [sv [sv [v correr]] [sn toda a manhã]]

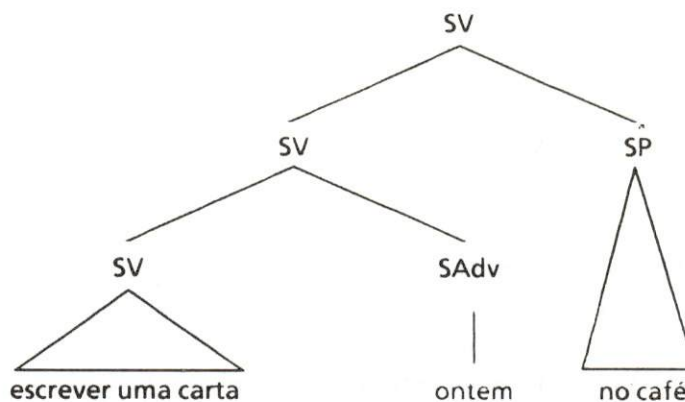
ou (ii)



(64) dois adjuntos a SV

(i) [sv [sv [sv escrever uma carta] [sAdv ontem]] [sP no café]]

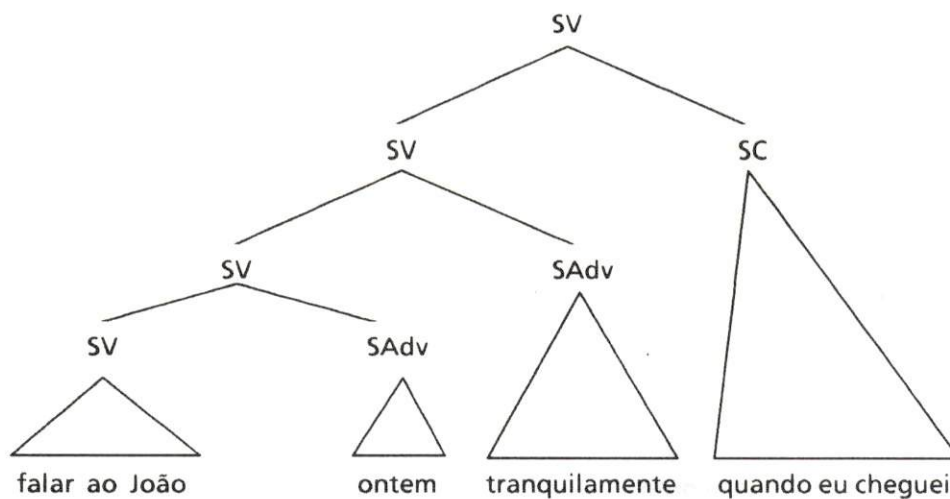
ou (ii)



(65) três adjuntos a SV

(i) [sv [sv [sv [sv falar ao João] [SAdv ontem]]] [SAdv tranquilamente]]
[sc quando eu cheguei]]

ou (ii)



Não podemos considerar dois ou mais adjuntos circunstanciais como categorias sintagmáticas coordenadas, porque eles não são, realmente, da mesma natureza. Embora, tradicionalmente, sejam todos denominados adverbiais, são realizados como categorias sintáticas diferentes, o que nos leva a criar uma adjunção a SV para cada adjunto.

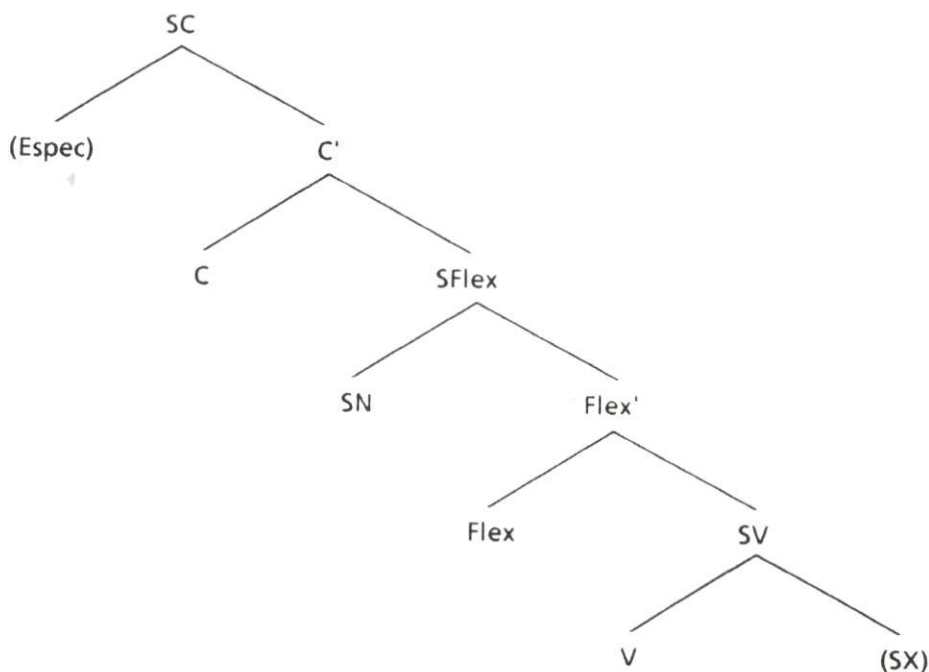
6.2.3 A estrutura do SC

Também o SC (ou C'') foi definido, no início deste capítulo, como sendo a **projecção máxima de um C**.

Dissemos no ponto anterior (6.2.2) que toda a frase é, em princípio, um SC, que, em português, tem a estrutura interna seguinte:

(66)(i) [_{SC} (Espec) [_{C'} C [_{SFlex} SN [_{Flex'} Flex [_{SV} V (SX)]]]]]]

ou (ii)



Realmente, estamos a assumir que a representação sintáctica da frase, isto é, a Estrutura-P e a Estrutura-S, têm sempre a organização apresentada em (66). Repare-se que apenas o especificador de C e o complemento do verbo são opcionais, razão pela qual estão entre parênteses. Todas as outras categorias de (66) existem obrigatoriamente naquelas posições.

6.2.3.1 O Núcleo do SC

Introduzimos, no ponto anterior (6.2.2), o Sintagma Complementador como um complemento subcategorizado por um verbo. Sabemos que, em Estrutura-P, em português, o núcleo do SC pode ter realização fonética — o elemento funcional *que* ou *se* — e pode, também, ser foneticamente nulo.

Quando o núcleo do SC é preenchido, em Estrutura-P, por um item lexical (*que* ou *se*), esse item lexical permanece como núcleo do SC no decurso da derivação sintáctica (em Estrutura-P e em Estrutura-S). O complementador é, então, interpretado foneticamente (na Forma Fonética da frase) e semanticamente (na Forma Lógica da frase).

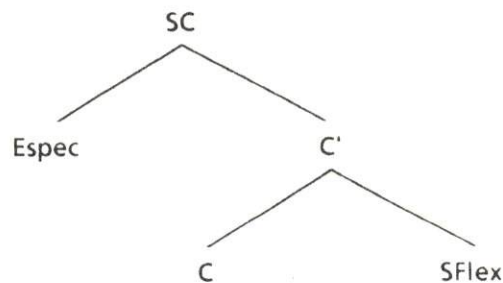
Se, em Estrutura-P, o núcleo do SC não for preenchido por um item lexical, poderá ser preenchido, na Estrutura-S de determinadas construções interrogativas, pelo verbo com a informação de Tempo e Acordo da Flexão. Por outras palavras, o verbo com o Afixo da Flexão — [V+Af] — sobe para a posição estrutural do núcleo C, ocupando esta posição em Estrutura-S¹.

¹ Daremos um exemplo do movimento de [V+Af] para C no ponto seguinte. As interrogativas, em geral, serão descritas na unidade 10.

6.2.3.2 O Complemento e o Especificador

Recorde-se que, de acordo com o esquema básico da Sintaxe X-Barra (5), todo o sintagma tem, em princípio, para além do núcleo, uma posição sintáctica para o complemento do núcleo (à direita deste, em português) e outra posição para o especificador do núcleo (à esquerda deste, em português). Assim, a estrutura interna do SC será a seguinte:

(67)



Começamos por fazer algumas considerações sobre o complemento do núcleo funcional C. Ao contrário do que se passa relativamente aos núcleos temáticos, que pertencem às categorias N, V, A, P e Adv, e podem ter ou não complementos, os núcleos funcionais — C, Flex e D — têm, obrigatoriamente, um complemento.

Na estrutura (67), podemos verificar, relativamente a C, que este tem à sua direita um constituinte irmão que é o seu complemento, a categoria SFlex. Tanto o núcleo C como o SFlex são dominados imediatamente por SC, quando não existe especificador ou por C', quando existe especificador.

No interior do SFlex (=SN Flex SV), encontramos, pelo menos, uma Proposição, resultante da relação de um núcleo lexical temático com o(s) seu(s) argumentos projectados na estrutura sintáctica. E na estrutura do SFlex temos, ainda, uma Predicação Principal, que, geralmente, corresponde à relação entre o predicado SV e o sujeito [SN, SFlex]².

² Recorde-se que o sujeito da frase, definido formalmente como o [SN, F], passou a ser referido como o [SN, SFlex], visto termos substituído o símbolo F por SFlex. Ver ponto 6.2.1.1

Em português, a Proposição subjacente a uma frase simples corresponde, formalmente, à projecção máxima SFlex, porque o elemento funcional Flex se revela como a categoria nuclear da estrutura sintáctica¹.

Como se vê na estrutura (66), o SN sujeito — [SN, SFlex] — é o especificador de Flex, dominado imediatamente pelo SFlex, e, como se espera, ocupa a posição à esquerda de Flex'. Por sua vez, Flex' domina o núcleo Flex e o seu complemento SV².

Mas, do ponto de vista formal, a frase não é, apenas, o SFlex, sendo, realmente, um SC, como mostra a representação sintáctica (66). Uma tal afirmação necessita, contudo, de ser comprovada e, para o efeito, vamos comparar uma frase declarativa simples com duas frases interrogativas, uma de objecto indirecto e outra de objecto directo. Examinemos, então, os exemplos escolhidos e as representações sintácticas correspondentes:

- (68)a. a Maria vendeu o carro ao João
 b. a quem vendeu a Maria o carro?
 c. que carro vendeu a Maria ao João?

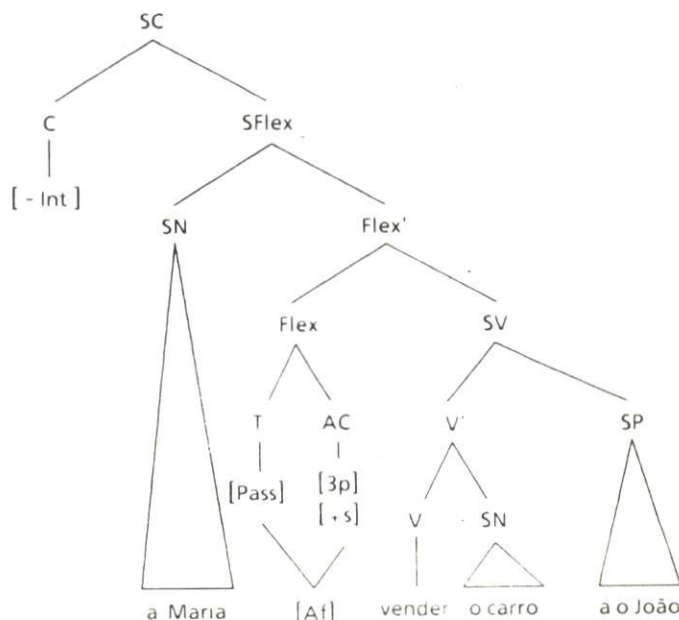
As frases de (68) são introduzidas em Estrutura-P por um núcleo C, foneticamente nulo. Colocaremos sob o símbolo C da representação da frase declarativa a informação [-Int(errogativa)], e [+Int] sob o C das representações das frases interrogativas.

Como iremos ver, a Estrutura-P e a Estrutura-S da frase (68a) não têm especificador de C, ao contrário do que acontece com as representações das outras duas frases — (68b) e (68c).

Vamos, então, examinar as representações:

(69) Estruturas-P

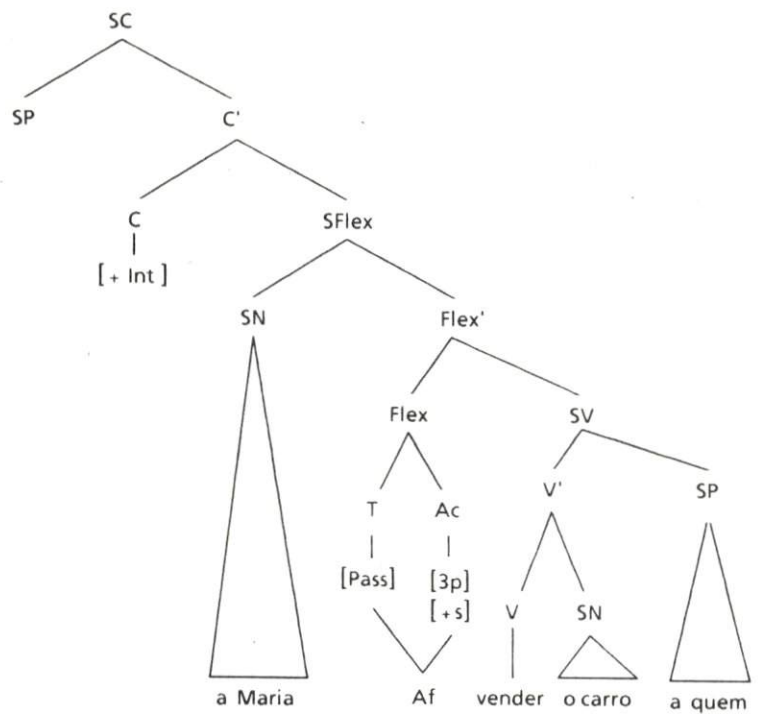
(i)



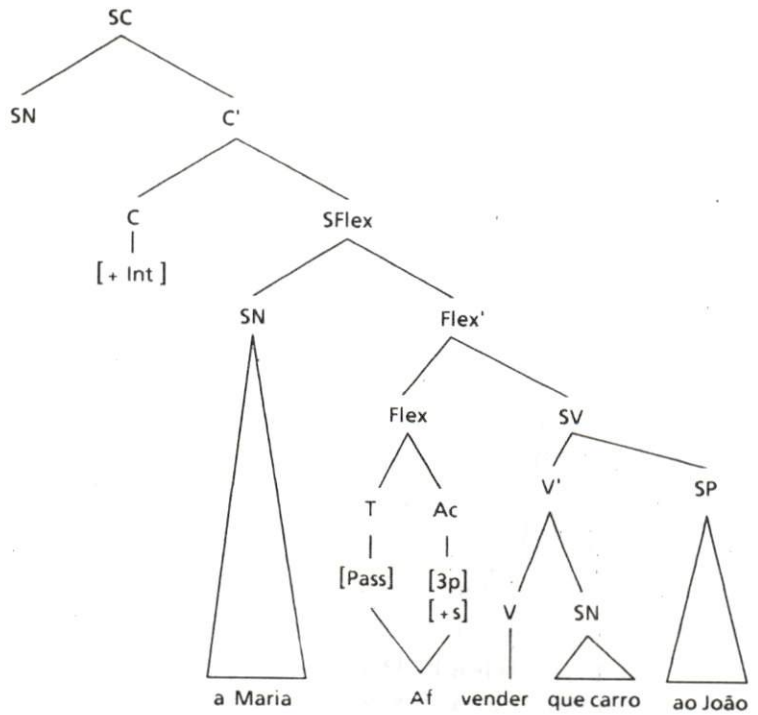
¹ Recorde-se a importância da informação contida em Flex na legitimação dos sujeitos foneticamente nulos *pro* e *PRO*, referida no ponto 6.2.1.1. Na unidade seguinte será dada uma explicação mais desenvolvida sobre a função de Flex na estrutura sintáctica.

² Ao contrário do que acontece com todas as outras categorias, o especificador de Flex não é opcional, porque é exigido pelo Princípio de Projecção Alargado que estipula que toda a frase tem um sujeito — o especificador de Flex.

(ii)



(iii)

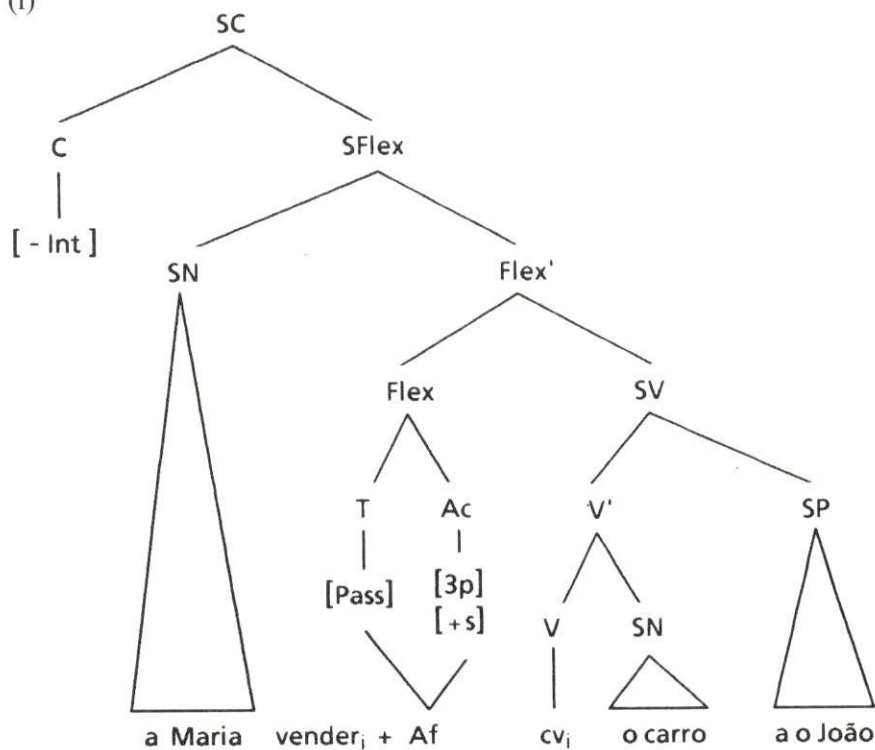


Repare-se que o especificador de C da representação (69ii) é um SP e o de (69iii) é um SN, porque os sintagmas interrogativos que vão ser movidos das suas posições básicas para a posição de especificador de C correspondem àquelas categorias sintácticas — o [SP a quem], objecto indirecto do verbo *vender*, em (69ii), e o [SN que carro], objecto directo do verbo *vender*, em (69iii).

Examinemos, agora, as Estruturas-S correspondentes às Estruturas-P de (69):

(70) Estruturas-S

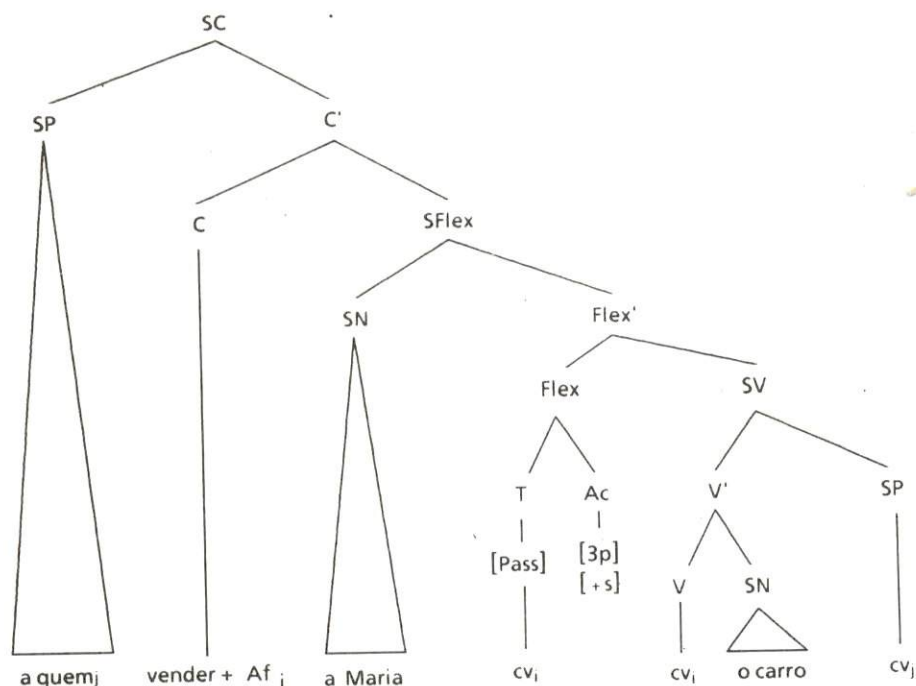
(i)



Note-se que a Estrutura-S (70i) é muito semelhante à Estrutura-P (69i). A única modificação estrutural que se verifica resulta da aplicação da regra de movimento do núcleo V para o núcleo Flex, que é, como sabemos, obrigatória em português. Recorde-se que o movimento do verbo para Flex deixa na sua posição básica uma categoria vazia com um índice igual ao do verbo movido. Lembramos que esta categoria vazia é um vestígio do verbo, que revela a história do movimento da categoria movida¹.

¹ A regra de Mover α foi introduzida e exemplificada no ponto 3.2.

(ii)



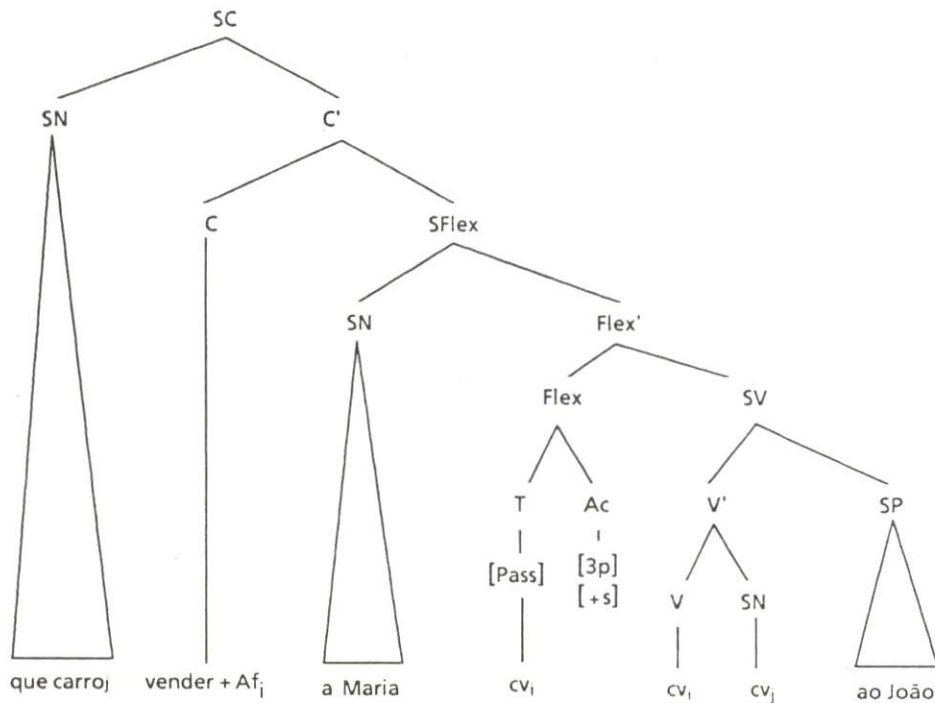
Na representação da Estrutura-S (70ii), correspondente à Estrutura-P (69ii), verificamos que o especificador de C está preenchido pelo SP interrogativo — [SP a quemj]. Este foi movido da sua posição básica de objecto indirecto do verbo *vender*, onde deixou um vestígio com o mesmo índice — cv_j . E verificamos, igualmente, que o núcleo C foi ocupado por [v vender + Af_i]¹.

¹ Note-se que o índice *i* do verbo é agora partilhado pelo conjunto movido para C e pelos vestígios deixados em Flex e V.

Realmente, pelo facto de o núcleo C estar vazio, em Estrutura-P, é possível preenchê-lo, neste tipo de construções, com o verbo mais o afixo da Flexão. Assim, a aplicação da regra de Mover nas duas situações descritas — (i) Mover-SP interrogativo para a posição de Espec de C e (ii) Mover-V+Af para a posição de núcleo — explica a alteração da ordem básica de constituintes nestas construções.

E é essencialmente o mesmo mecanismo que actua na associação da Estrutura-P (69iii) à Estrutura-S correspondente (70iii):

(iii)



Na representação (70iii) encontramos o objecto directo interrogativo — o [SN que carro] — na posição de Espec de C. As categorias movidas para Espec de C, sejam SPs ou SNs, têm em comum funcionarem como operadores lógico-semânticos, com escopo sobre toda a oração. Como se vê nas representações (70ii) e (70iii), **os operadores interrogativos em Espec de C estão relacionadas com uma variável no interior de SFlex. A variável é a categoria vazia que partilha o mesmo índice do sintagma em Espec de C.** Estas categorias-operadores são denominadas **sintagmas-Q [SQ]**, porque, normalmente, têm um elemento iniciado por *q* — *que, quem, quanto, como, qual, etc.* (*onde* é uma excepção).

Nas duas representações em que a posição de Espec de C está ocupada por um SQ — (70ii) e (70iii) — verificamos que V+Af se encontra no núcleo de SC. De facto, na derivação sintáctica destas construções, para além de V subir para Flex, como sempre, sobe, em seguida, para o núcleo C, acompanhado pelo afixo da Flexão — **V+Af vai para C.**

São, efectivamente, frases deste tipo, revelando movimentos de categorias sintácticas para a esquerda de SFlex, que justificam a existência da posição estrutural do núcleo C e do seu especificador, mesmo quando estas duas posições são vazias em Estrutura-P.

Podemos, então, concluir que a frase é, formalmente, um SC. E, como em qualquer outro sintagma, teoricamente, o núcleo é obrigatório. O núcleo C é funcional e, portanto, também o seu complemento SFlex é obrigatório. O especificador do núcleo é, realmente, opcional, no sentido em que só existe nas estruturas de determinados tipos de construções. Nessas construções, o Espec de C é categorialmente idêntico ao sintagma que é movido da sua posição básica no interior de SFlex. Nas construções em que não se verifica movimento de um SQ para Espec de C, assumimos que não existe esta posição sintáctica.

6.3 Tópicos de recapitulação geral

- sintagmas e núcleos
- a motivação para a categoria X-barra
- estruturas de complementação
- estruturas de adjunção
- a estrutura da frase em português

Referências bibliográficas

- ABNEY, S. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de Doutoramento, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- CHOMSKY, N. 1970. «Remarks on Nominalizations» in Jacobs; Rosenbaum eds., *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham, Ginn, 184-221.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. 1986. *Barriers*, Cambridge, Massachusetts, M.I.T. Press.
- DUARTE, I. 1983. «Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos», *Revista da Faculdade de Letras*, número especial, Lisboa, Dezembro 1983, 158-178.
- FUKUI, N.; M. Speas 1986. «Specifiers and Projections», *MIT Working Papers in Linguistics* 8, 128-172.
- JACKENDOFF, R. 1977. \bar{X} *Syntax. A Study of Phrase Structure*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- KAYNE, R. 1984. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht, Foris.

-
- MATEUS, M. H. *et al.* 1983, 1989². *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- POLLOCK, J.-Y. 1989. «Verb Movement, UG and the Structure of IP», *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.
- RADFORD, A. 1988. *Transformational Grammar*, Cambridge, Cambridge University Press.
- RIZZI, L. 1990. *Relativized Minimality*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- ROSS, J. R. 1969. «Auxiliaries as Main Verbs» in W. Todd ed., *Philosophical Linguistics*, Series 1, Evanston, Illinois, Great Expectation, 1969.
- ROUVERET, A. 1989. «Cliticisation et Temps en Portugais Européen» in J. Guéron; J.-Y. Pollock eds., *Linguistique Comparée et Théorie du Liage*. (No prelo).